

Palavra de Trabalhador

SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - SEJA
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre

2



SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SEJA

Palavra de Trabalhador 2

O NOVO CONCEITO DE
ALFABETIZAÇÃO PARA
TRABALHADORES

X

A NOVA ORDEM MUNDIAL

Fazer a leitura desta PALAVRA DE TRABALHADOR 2 implica em que Educadores de Jovens, Adultos (e o leitor "cozum") atualizem seus conceitos de alfabetização para estes cidadãos que foram excluídos do processo educativo, já que estão postas as novas regras e exigências do Mundo Moderno. Portanto, o leitor do PALAVRA DE TRABALHADOR 2 deve deixar permear-se pela reconceptualização que o SEJA faz (e tem) sobre como considerar alguém alfabetizado (hoje).

Sabemos que é difícil mudar de parâmetros políticos e pedagógicos porque este conceito está enraizado num passado recente que, aliás, permanece vivo até então. Estes parâmetros determinam a suficiência do "ler e escrever o nome e um bilhete e fazer as contas", notando, ainda, pesquisas e políticas públicas.

As bases para tensionar e romper estes limites sobre a aprendizagem de jovens e adultos está, para o SEJA, no preceito epistemológico "ler o mundo para ler a palavra" e re-escrever o mundo, dando à alfabetização um caráter de processo (meio) necessário ao enfrentamento do cotidiano (fim).

O final deste milênio está impregnado por um novo paradigma tecnológico, caracterizado pelo brutal crescimento da informática, pelo avanço da micro-eletrônica e pela introdução de novas formas de comunicação e produção.

Este paradigma, tem desenhado uma nova concepção de trabalho, que dá fim ao modelo fordista, passando a compreender o domínio do conjunto do processo produtivo a partir da execução de tarefas variadas por parte do trabalhador. Esta "Nova Ordem Mundial" tem gerado sobre o trabalhador, pelo menos, sua desqualificação e seu desemprego; no caso do analfabeto, sua prévia exclusão.

Secretaria Municipal de Educação
Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Dezembro de 1993


**Prefeitura
de Porto Alegre**

ADMINISTRAÇÃO POPULAR

MAIS CIDADE, MAIS CIDADANIA.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
Tarso Genro	
ESTA EDIÇÃO...	7
Cátia Castilho Simom, Dione Maria Defânico Busetti, Marta de Guadalupe Lima Ferreira e Miriam Pereira.	
INTRODUÇÃO	8
CONTRIBUIÇÃO PARA UMA POLÍTICA EDUCACIONAL DO TRABALHO COM A PRODUÇÃO TEXTUAL DO JOVEM E DO ADULTO Marta Isabel DallaZen e Dinorah Fraga da Silva	
"DÁ, FUI EM FRENTE..."	10
Textos de Joaquina I. Machado, Helena dos Santos, Rita da Rosa Antunes e Clotilde de Almeida Lima e Rogério da Silva Espírito Santos	
"...APESAR DOS IMPREVISTOS, TUDO FOI EXPERIÊNCIA..."	20
Textos de Julieta dos Santos Prado, Manoel Salomir Dias da Luz, Roni Silva de Freitas, Bláscio Griebel, Erick Calli Cardoso, Dorvalina Hubner, Maria Dorvalina Trindade da Silva, José Claudioniro, José Manoel da Silva, Sônia T.S. dos Santos Silveira	
"...EU SOU ASSIM MUITO LOUCA..."	44
Textos de Stanir Staturinski, Terezinha Prudente de Souza e Denise Lemos	
"BATERAM NELE E TOMARAM TODOS OS PASTÉIS..."	52
Textos de Mário Machado Pereira, Márcio Cleiton Bicca, Marta Erica Branco da Rosa, Antônio Carlos da Rocha, Fabiano Alves Jurequeira, Daniel Costa Miranda	
"A JUSTIÇA E AS INJUSTIÇAS QUE SENTIMOS NA PELE"	70
Textos de Lisbela S Santos, Arnildo Rodrigues, Sandra Terezinha Ringuês Alves, Carmem Vedot da Silva, Lizete, Auanise Garcia Marques	
"VAMOS TER UM POUQUINHO DE RESPEITO?"	85
Textos de Elisandra P. da Luz, Flávio O. Oliveira, Marta Leidi dos Santos, Maria Lucreij Steffens, Nezta Fraga, Jerônimo Forte Lopes	
"COMO SE PODE SER ROMÂNTICO?"	94
Textos de Terezinha P. de Oliveira, José Antunes da Rocha, Moisés da Silva Souza.	
OUTRAS PALAVRAS	104
Textos de Nara da Rosa Lopes, Mário Rogério da Rosa Oliveira, Ivonne Piffetti Martins	

Palavra de Trabalhador 2 é uma publicação do
Serviço de Educação de Jovens e Adultos - SEJA da
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.

Equipe de Coordenação:

Liana Borges, Dione Defânico Busetti,
Ana Baumgarten e Odete A. Bresolin

Secretária:

Gislaine Aquino

Grupo de Apoio Pedagógico - GAP:

Cátia Simom, Ceres Duarte, Dione Defânico Busetti,
Denise Comerlato, Lúcia Veiga Lima, Márcia Reis,
Marinês Fernandes, Marisa Haas, Roselaine da Silva.

Contatos:

Rua Siqueira Campos, 1300 - 12º andar
CEP 90010-001 - Porto Alegre - RS
Fones: (051) 227.3182, 226.8333 (ramal 35)
Fax: (051) 228.0528

Organização Editorial/Revisão:

Dione Defânico Busetti

Produção Executiva:

Luiz Heron da Silva - Eventos/Publicações SMED

Produção Gráfica:

Stampa Editoração e Sistemas
Fone (051) 229.4794

Fotolitos:

Cla de Letras

Impressão:

Gráfica Editora Piffetti

ESTA EDIÇÃO...

As experiências de vida, como testemunhos das manifestações culturais dos nossos alunos de classes populares bastariam para legítimar o Palavra do Trabalhador 2.

Mas, ao mesmo tempo, queríamos que o livro 2 se diferenciasse do primeiro; que além de registrar um momento do processo de alfabetização, ele pudesse mostrar como o aluno concebe a sua escrita e o que pensa sobre ela. Pensamos também que Palavra do Trabalhador 2 não tivesse só como interlocutores os alunos; que os professores que trabalhavam com alfabetização de jovens e adultos ou aqueles que se interessam por este processo, pudessem compreender as diversas hipóteses que os alfabetizados têm sobre a língua.

Refletir sobre os recursos expressivos utilizados nos textos que eles mesmos escreveram significa promover uma prática de construção linguística que impedirá entender a leitura e a escrita como uma mera decodificação de sinais, impedirá a separação entre "o produzir conhecimento do conhecer o conhecimento existente" (Paulo Freire, in "Medo e Ousadia", pg. 65)

Assim, o livro apresentará alguns textos em escrita original e outros em três momentos: o texto como foi escrito, o registro da reflexão sobre o texto (feita pelo autor e demais companheiros de turma) e o texto re-escrito depois das reflexões feitas.

O livro pretende se caracterizar como uma proposta de diálogo, porque o Palavra do Trabalhador 2 quer cumprir também uma função social paulatida na troca com seus interlocutores, no sentido de convidá-los a refletirem o nosso trabalho.

O livro está organizado a partir de temas desenvolvidos. Estes temas, que anunciam os conjuntos de produções textuais, são extraídos da leitura de mundo dos alunos, e todos os textos contemplam os princípios políticos, pedagógicos e psicológicos do SEJA: o resgate da cidadania, a construção do conhecimento e o desenvolvimento da auto-estima.

Paulo Freire diz que "toda a leitura da palavra implica a volta sobre a leitura de mundo, de tal maneira que ler o mundo e ler a palavra se constituam um movimento em que não há rupturas. E ler mundo e ler a palavra implicam em reescrever o mundo, quer dizer transformá-lo".

Esperamos que Palavra do Trabalhador 2 SEJA mais uma contribuição neste processo.

Comissão Organizadora:

Cátia Castilho Simon

Dione Maria Detanico Buseti

Maria de Guadalupe Lima Ferreira

Miriam Pereira

APRESENTAÇÃO

Aprender é uma interação dialética entre o homem e o mundo. No entanto, aprender só é libertador e possibilita a plena realização do ser humano quando o conhecimento permite a construção social do indivíduo, e quando este indivíduo se torna habilitado a relacionar-se com um mundo mais complexo.

As classes populares têm sido excluídas do saber formal, negando-se seu acesso a bens culturais como a linguagem escrita. Isto se deu, em parte, pela própria formação da sociedade brasileira, excludente e dirigida por elites desinteressadas na renovação das estruturas sociais.

A proposta da Administração Popular, desde 1989, é romper com os modelos teóricos dominantes. Acreditamos que ao desconstruir o enrijecido sistema educacional, estaremos todos envolvidos com o novo, um novo emocionante e reconstrutor. Como nos revela Eduardo Monteiro, estudante de 26 anos da classe para adultos do Mercado Público. Ele escreveu:

Deixe os ventos soprar seus cabelos

Deixe as águas claras correr

Deixe o verde nascer e crescer

Ponha seu peso de consciência na balança

Prá ver que estás no equilíbrio ecológico

Se não estiver

Voa do planeta

Não faz peso à mãe Terra

Tarso Genro

Prefeito

INTRODUÇÃO

CONTRIBUIÇÃO PARA UMA POLÍTICA EDUCACIONAL DO TRABALHO COM A PRODUÇÃO TEXTUAL DO JOVEM E DO ADULTO

Dinorah Fraga da Silva e Maria Isabel Dalla Zen

O que o professor pretende, realmente, quando lê os textos produzidos pelos alunos?

Muitas são as hipóteses a esse respeito, entretanto formulamos algumas com base em experiências didáticas que temos tido a oportunidade de observar. 1. O professor realiza essa tarefa para detectar erros linguísticos, isto é, utiliza a produção do aluno para identificar, apenas, as dificuldades ortográficas e de organização do texto, em detrimento dos avanços no que se refere à compreensão do funcionamento do sistema de escrita. 2. O professor lê o texto do aluno para atribuir-lhe uma nota. 3. O professor faz a leitura do texto para consistir como tarefa cumprida. 4. O professor lê o texto produzido porque, de fato, deseja ser interlocutor do aluno, porque acredita que o processo interativo promove o avanço das reflexões sobre os fenômenos linguísticos.

Essas relações estabelecidas com os textos não esgotam outras modalidades de leitura, mas exemplificam alguns caminhos de análise para a execução de ações pedagógicas.

Na reflexão que pretendemos fazer, a partir da pergunta inicial, vamos nos deter nas pressuposições que se relacionam ao quarto tipo de relação apontado. Isso se justifica pelo fato de associarmos-nos à concepção de linguagem que aquela relação explicita.

Neste sentido, entendemos que é nas relações de reciprocidade, de mutualidade que o ser humano assume uma atitude diferente frente às questões do conhecimento. Compreendemos, então, a linguagem como forma de INTERAÇÃO, que admite os sujeitos como construtores permanentes de linguagem, o que resulta num trabalho linguístico constante, realizado por diferentes falantes, em diferentes situações histórico-sociais.

A partir desse trabalho dinâmico e "escaldante", como refere Roland Barthes, constitui-se uma língua viva, de sistematização aberta, que se faz, continuamente, no interior das interações sociais.

Retornamos à questão que é o fio condutor deste texto: O que pretende o professor, realmente, quando lê os textos produzidos pelos alunos? Se faz uma leitura acreditando na importância das relações dialógicas, retirando do texto tudo o que permite retirar, se lê para escutar o que o aluno tem a dizer, observando as estratégias que ele utilizou para dizer, o professor assume o papel de interlocutor, torna-se um companheiro de escrita e, desta forma, não ignora a multiplicidade de dados que o discurso

oferece, a partir dos quais surge uma cadeia de indagações possíveis. Esta cadeia de perguntas, por sua vez, suscita ações linguísticas variadas que conduzem ao diálogo, à reflexão sobre os eixos de sentido produzidos pelos recursos expressivos mobilizados (denúncia, comiseração, revolta, etc.), ação muito mais complexa e enriquecedora do que a simples identificação de incorreções. Além de uma leitura cuidadosa é possível perceber a perspectiva de quem escreve o quê, para quem e de que jeito.

Em todos os âmbitos de ensino e leitura, a produção textual e a análise desta produção devem ser vistas como trabalhos interligados, que se completam, aprimorando a formação linguística dos sujeitos. É por tal motivo que vimos defendendo a releitura e a reconstrução de textos como excelentes recursos para o trabalho com linguagem.

Reconhecendo na publicação de "Palavra de Trabalhador" um compromisso assumido no sentido de colocar em prática idéias aqui expostas, vemos dado o primeiro passo.

Para prosseguir é preciso empreender sempre, e cada vez mais, o exercício da análise coletiva, proporcionando aos autores momentos significativos de aprendizagem da língua materna e mais; momentos que privilegiem a voz, a palavra como constituintes das relações.

Juljeta, aos 61 anos, está tentando se comunicar com o mundo, denunciando sua situação, anunciando sentimentos... Blásio trabalha com a questão da identidade, da origem e, assim, se reconhece na história... E muitas vezes poderiam ser trazidas ao cenário. Vale a pena recorrer às estratégias das quais lançam mão essas vozes que se apossam da linguagem como um meio de expressar suas representações da realidade na qual estão inseridas.

Decorrentes das idéias desenvolvidas, apresentamos um princípio de trabalho com a produção textual. É o que se refere ao processo em que o educando pensa e fala sobre sua linguagem e a de seus pares. Trata-se de desenvolver a consciência do falante (o produtor dos textos) sobre seu modo de operar com e sobre a língua no contexto social. Este é o caso das autocorreções espontâneas ou provocadas pelo professor; da correção escrita e da fala de seus pares; da adequação da fala a diferentes situações sociais e a diversos ouvintes. Significa as reflexões do falante sobre sua atividade linguística. É o acesso da pessoa ao conhecimento sobre a estrutura gramatical da frase; sobre o que pretendia dizer e os recursos linguísticos que utilizou para conseguir seus objetivos. A linguagem do aluno é, aí, conteúdo de análise e reflexão.

É possível propor que os adultos em processo de alfabetização, se colocados em situação de releitura sobre sua própria produção escrita, têm chances muito maiores de aquisição do sistema de língua escrita com qualidade, construindo a significação da escrita, o que implica ultrapassar a concepção de alfabetização como decodificação do código verbal.

Assim, no ato de pensar e falar sobre sua escrita, o adulto vai construindo regras sobre o funcionamento da língua, vai interiorizando e utilizando essas regras em seu desempenho linguístico.

A função do professor é a de, através do diálogo, possibilitar a inteligibilidade da linguagem pelo falante que a produziu (o aluno). Este trabalho do professor envolve o compromisso de, interagindo com os educandos, construir situações onde o aluno entra num processo de catarse cogniti-

va, "pôr para fora" suas idéias, hipóteses sobre sua escrita. Este princípio tem dois objetivos básicos: a busca do maior número possível de dados a respeito da "teoria que os alunos estão produzindo sobre sua própria linguagem". No diálogo, ao "pegar" a resposta dada a uma questão feita, e ao recolocá-la para o adulto que aprende a ler, o professor fornece elementos para que aquele que aprende a ler veja sua linguagem e seu pensamento como um fato objectualizado - uma obra que produziu e que ele vê melhor quando reapresentado a ela por outra pessoa competente e de confiança para isto - seu professor.

A produção é, assim, o resultado de dois momentos que envolvem o pensar e o dizer o mundo; o pensar o dito (o escrito); o dizer pensado sobre o dito.

Buscando explicitar que o *Palavra de Trabalhador 2* reitera este dizer o mundo e amplia a concepção de alfabetização na direção do pensar o dito e dizer o pensado sobre o dito (a produção escrita), buscamos desvelar a teoria subjacente à prática que os professores utilizam.

Pensando coletivamente o texto

Nesta modalidade, é imprescindível que os alunos tenham o texto em suas mãos. É a sua obra e eles têm o direito do acesso a ela. A partir da leitura, desencadeou-se a discussão: o que querem falar sobre o texto? O que chamou a atenção? Um exemplo é o trabalho com o texto de Rosana Mara "De mãe para filha" (...)

Inicialmente, o aluno aponta o registro considerado pela língua padrão como erro: "ela escreveu com m e deveria ser um n. O m só vai antes do 'p' e 'b'". E aponta a professora como fonte de informação. Outro tópico que chamou a atenção dos alunos foi a distinção entre o uso de *mas* e *mais*. A estratégia utilizada pela professora foi a de ir além da questão ortográfica, situando na oposição de significados, onde a entonação e a sua marca lingüística, que é a pontuação, são critérios distintivos necessários:

"linha que se cuidar mais" (...) e

"tinha que se cuidar, mas eu acho" (...)

A decisão sobre a escrita correta da palavra ultrapassou a mera questão ortográfica.

A discussão se ampliou quando a hipótese inicial foi confrontada com outros usos da mesma conjunção feitos pela Mara, em outros textos. A constatação é de que a autora utiliza *mais* por *mas*. A partir daí, a discussão poderia continuar até que os alunos pudessem construir regras provisórias de uso da conjunção "mas" e do advérbio "mais".

Sobre a pontuação utilizada no texto, os procedimentos de consciência lingüísticas foram o de produzir problemas do tipo: em "De mãe para filha", esta frase faz uma ligação direta com o resto do texto? É um título ou uma frase dentro do texto? As hipóteses de respostas eram contrapostas à interação com textos de jornais, diálogos, narrativas, poesias. A partir destes confrontos, os alunos levantaram a hipótese de que não caberia a vírgula "al" (logo após a palavra filha).

Desta forma, foram se sucedendo situações de desenvolvimento da consciência do uso da pontuação em outras partes do texto, assim como o uso e a estruturação dos parágrafos. Enquanto a discussão era feita e

as hipóteses levantadas, o texto ia sendo reescrito, naturalmente, sem a violência usual.

Conversando, no grupo, sobre o texto

A professora, no diálogo, pode representar a voz do nível de escrita socialmente aceito. Partir do texto do aluno não significa ficar no texto do aluno.

Por exemplo, na conversa sobre o texto "História de minha vida", a professora assim procedeu:

"Quando é título, precisa colocar dois pontos no final?"

"Como fica o início do texto?"

"O que altera se eu trocar o ponto pela vírgula?"

"Tá bom os dois pontos aqui?"

"Não têm problemas de trocas de letras?"

Para todas as respostas a professora busca auxiliá-lo a ampliar o pensamento com perguntas do tipo: por quê? O que te leva a fazer esta afirmação? Também, esta ampliação deu-se através do acesso a outros textos. Além disso, esta ampliação deu-se através do acesso a outros textos. Além disso, esta ampliação deu-se através do acesso a outros textos. Além disso, esta ampliação deu-se através do acesso a outros textos.

E como se sente um professor que interage com os textos e com seus alunos?

Passamos a palavra à professora Liége Riccardi:

"O trabalho realizado foi extremamente rico, não só pelas aquisições óbvias em termos de construção da língua, mas, sobretudo, pelo interesse, envolvimento e participação que despertou no grupo (...).

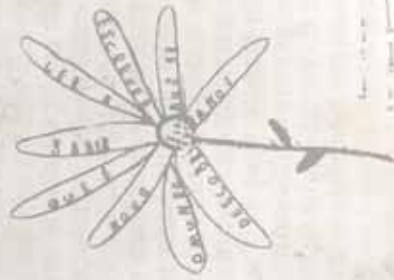
O grupo, sem dúvida nenhuma, sentiu-se valorizado e capaz. O fato de os alunos terem solicitado também que outras tarefas fossem trazidas ao grande grupo representa, também, no meu entender outro aspecto positivo.

A mim, como professora, acrescentou-se a tudo isso a descoberta de uma outra alternativa pedagógica com relação à construção da língua (entendida como possibilidade de expressão no sentido mais elevado da palavra) e o extremo e indiscutível prazer de poder partilhar experiência com este grupo maravilhoso".

Este não é o caminho de um método de ensino. É o caminho da construção de uma visão de mundo do século XXI, baseado nas idéias de desenvolvimento, dinamicidade, interação, totalidade, e o caminho que prioriza o sujeito e sua interação espontânea com um meio que deve ser cada vez mais qualificado pelo desenvolvimento econômico e sócio-cultural, compromisso este que é do governo e dos cidadãos. O professor e o aluno são epistemólogos, investigam sobre o conhecimento. O alfabetizador é o epistemólogo da língua. Este é o sentido político da alfabetização de jovens e adultos - apreender o homem comum, o operário, o trabalhador como prioridade. É elevar a linguagem ao estatuto de instrumento a ser utilizado na melhoria de sua vida e da vida das pessoas que convivem em seu ambiente lingüístico.

“...DAÍ, EU FUI EM FRENTE!...”

Helena dos Santos,
30 anos



A ESCOLA E EU

Aqui começo a descrever o que é a escola para mim. Ela significa esclarecimento, educação e poder melhor me comunicar com as pessoas.

Eu parei de estudar há muito tempo; quando saí, pouco sabia, pois repetia quase todos os anos.

Não sei se era dificuldade minha ou as professoras não entendiam pois eram trocadas quase todos os anos. E aí a nova achava que eu não estava apta para cursar aquele ano letivo; me rodava, voltava a estudar toda a matéria do ano anterior.

Um dia, eu cheguei em casa e disse para minha mãe que não queria estudar mais, pois estava cansada de passar em um ano e no outro rodar.

Agora estou feliz com esta oportunidade que a prefeitura oferece a todos que desejam estudar.

Termino aqui, agradecendo com carinho a compreensão e paciência de nossa professora Neusa.

08.07.93

Joaquina I. Machado, 54 anos

E. M. João Antonio Satte

Prof. Neusa Aguiar

EU VOLTEI ESTUDAR PORQUE

eu acho que é muito importante o estudo pra uma pessoa sonpre foi o meu sonho voltar a estudar só que meu pai metirou do colégio quando eu tinha uns 8 ou 9 anos e não me matriculou mais em nenhum colégio eu sempre tive vergonha de voltar a estudar depois de tanto tempo e começar na primeira série denovo mas minhas amigas falaram não é fio estudar se tu tem vontade vai en frente que tu ainda é nova dai eu pensei se ten pessoas mais velhas que eu na primeira porque eu não vou? dai fui en frente gostaria de a prender muitas coisa ainda quero: trabalha em coisa e pra isso persiso estudar.

Aluna : Helena Santos, 30 anos

Professora : Maria Emilia Pereira

Escola : E. M. Leocádia Prestes

Reflexões sobre o texto

Inicialmente, os alunos acharam o conteúdo do texto muito bonito. Então fomos induzindo os alunos a buscarem no texto, aquilo que considerassem incorreto, fosse em relação ao conteúdo, fosse em relação a erros ortográficos.

À medida que íamos lendo o texto, depois de tê-lo colocado no quadro tal e qual foi descrito pela aluna, eles foram dando-se conta do que estava faltando ou daquilo que excedia. De imediato, deram-se conta de que a composição não tinha título, e eu deixei em aberto para ver se eles davam algum à composição, porém não veio imediatamente. A seguir, notaram que faltava a letra "a" depois da palavra "voltei", para completar melhor o sentido da frase; observaram a falta de letra maiúscula no início das frases, a falta de acento na palavra colégio. A palavra coisa passou para o plural e a palavra persiso foi alterada para preciso. Finalmente, o aluno Jefferson sugeriu um título para o texto, ao serem perguntados se achavam que o texto estava completo. Durante a leitura do texto, elaborado pelo aluno, eles observaram a raridade da pontuação, e à medida que liam, solicitavam para colocar vírgulas e pontos. A própria aluna achou que faltavam coisas no texto e que o mesmo poderia ser aperfeiçoado.

Depois de pronto o trabalho, conversei com eles, no sentido de fazê-los ver o quanto haviam crescido desde que iniciaram o primeiro trimestre, e eles se sentiram altamente motivados e absolutamente gratificados com o aprendizado obtido até aqui.

O texto ficou assim:

A volta à escola

Eu voltei a estudar, porque eu acho que é muito importante o estudo pra uma pessoa.

Sempre foi o meu sonho voltar a estudar, só que meu pai me tirou do colégio quando eu tinha uns 8 ou 9 anos e não me matriculou mais em nenhum colégio.

Eu sempre tive vergonha de voltar a estudar depois de tanto tempo e começar na primeira série de novo.

Mas minhas amigas falaram não é feio estudar; se tu tem vontade vai em frente que tu ainda é nova; daí eu pensei se tem pessoas mais velhas que eu na Primeira, por que eu não vou?

Daí fui em frente, e gostaria de aprender muitas coisas; ainda quero trabalhar em coisa melhor e pra isso preciso estudar.

MEU COLÉGIO

Estou facinada porque voltei a estudar, depois de anos.

O colegio onde eu estudo é uma maravilha, meu colegas e minha professora são ótimos só vai sependen se minha forsa de vontade para mim chegar lá.

As vezes penso que não vou conseguir chegar onde eu quero, mas volto a tras pois nunca é tarde para conseguirmos nossos objetivos.

Eu pretendo chegar ate a faculdade pois pretendo fazer psicologia.

Sera que é sonhar se mais sera que consigo? só tenho medo pela minha idade mas vou tentar.

Aluno: Rita da Rosa Antunes

Professora: Vera Mandian

Escola: Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto

Durante esta semana, a presença dos alunos foi baixa, talvez devido aos feriados da semana da Pátria. Mesmo assim, trabalhamos em grupo a correção do texto da Rita.

O texto foi apresentado numa folha grande, exatamente como foi escrito. Expliquei que o texto tinha sido selecionado para representar a nossa turma no livro "Palavra de Trabalhador 2". A autora do texto não estava presente.

Lemos o texto em voz alta, mais de uma vez, e pedi que escutassem com bastante atenção. Logo um aluno observou "meu colegas". Comentei que teríamos outras coisas para arrumar. Não conseguimos identificar o "n" que precisei interfe-

rir e falar até mesmo como índio (riram), mas demonstraram dificuldades para trocar pelo pronome "eu". Observaram o acento circunflexo no "não". O Nereu explicou que o acento é no "a" e não "o" e que devemos usar uma cobrinha (til). Quando terminamos a leitura, já tínhamos acentuado as palavras e colocado as vírgulas onde faltavam. Foi a parte mais fácil da correção.

As palavras que apresentavam falta, trocas de letras ou que eram separadas inadequadamente, sublinhei-as e pedi que procurassem no dicionário a escrita correta e também o significado. Logo, o Lademir perguntou se a palavra "força" era com s, pois no dicionário estava com ç. Demonstraram dificuldades com a palavra "fascinada". Expliquei que significava a mesma coisa que a Rita tinha escrito, apenas a escrita estava diferente. Foi difícil, mas conseguiram perceber que estava faltando um "s" (Vanderlei).

Também foi o Vanderlei que logo constatou que "atrás" levava acento. Precisei intervir para que observassem que "atrás" era junto e não separado; então, foi mais fácil também concluir que "demais" era junto.

Foi tranqüilo para eles identificarem e pontuarem as frases interrogativas. Questionei sobre a organização do texto. Observamos o primeiro parágrafo. Lademir falou que parágrafo é um espaço que se deixa depois da margem e o Nereu concluiu que usamos quando mudamos de assunto. Juntos, definimos quatro parágrafos para o texto.

Acentuei a locução adverbial "às vezes", pois senti dificuldades em explicar o porquê da acentuação.

O texto ficou assim:

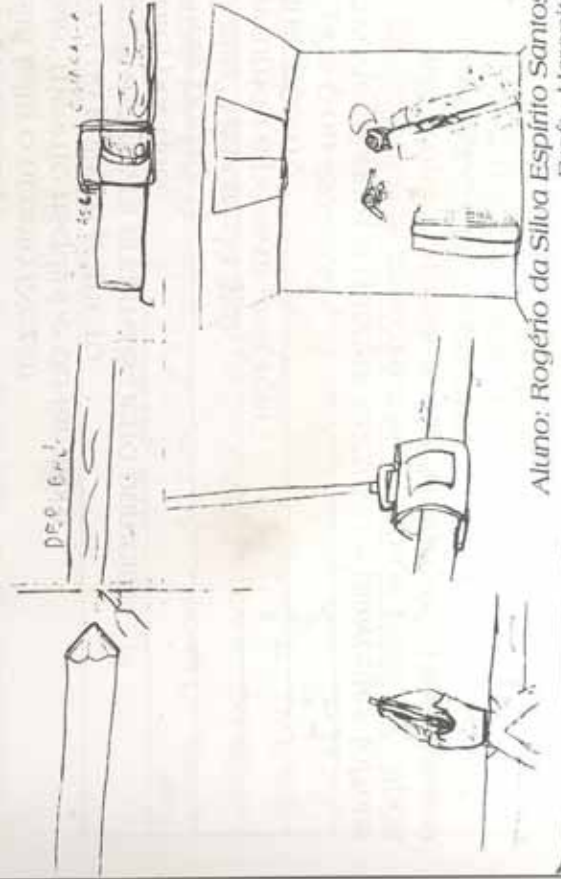
Meu Colégio

Estou fascinada porque voltei a estudar, depois de anos. O colégio onde eu estudo é uma maravilha, meus colegas e minha professora são ótimos, só vai depender de minha força de vontade para eu chegar lá.

Às vezes, penso que não vou conseguir chegar onde eu quero, mas volto atrás, pois nunca é tarde para conseguimos nossos objetivos.

Eu pretendo chegar até à faculdade, pois pretendo fazer psicologia. Será que é sonhar demais? Será que consigo? Só tenho medo pela minha idade, mas vou tentar.

MEU NOME É ROGÉRIO EU TENHO 15 ANOS. EU QUERO LER TUDO. EU QUERO APRENDER A LER TUDO DIREITO. EU QUERO ESCREVER TUDO E CONTAR. POIS QUANDO EU FOR MAIOR EU QUERO SER DEZENISTA.



EU VEI PRAR ESCOLA PARA

aprende mais um pouco apesar da idade para ajudar meu filho queabei esta no primeiro ano
Eu quero me esforçar para aprender mais no comeso parese difícel.
mai Deus Vai me ajudar que e vou aprede

Aluno: Claurinda de Almeida Lima, 48 anos
 Professor: Luciane Machado
 Escola: E. M. Leocádia Prestes

Reflexões sobre o texto

- Colocar o m na palavra vi.
 - Depois de pouco, uma vírgula para descansar.
 - Falta r no aprende (Marina) - aprender
 - Apesar, será com s ou z? (dúvidas!)
 - Votação: s - regra da Nézia: "Quase sempre se usa s no meio de vogais. Ex. casar, apesar, composição."
 - Falta o m no meio, ante do "b" (Terezinha)
 - É m ou n? Claurinda pergunta.
 - Questionei se não faltava nada na palavra "também":
 - Chapéu ou tracinho (Ilza).
 - Acentinho (Marina)
 - No está falta o acento (Nezia).
 - Calú fala: mesmo risquinho do também.
 - Falta o i na palavra primeiro.
 - Escrever a palavra ano mais perto primeiro.
 - Perguntei por quê.
 - Para ficar bonito.
 - E o ponto? Depois do ano.
 - (Calu arrumou a palavra "esforçar")
 - Claudina: põe o z?
 - Nezia: põe ç ou ss?
- A discussão foi para o quadro. Escrevi as diferentes formas e fomos eliminando as improváveis. Ficamos com o ç, após termos ficado com "esforssar" ou "esforçar". Pegamos o dicionário para ver como se escrevia.
- Falta o n no apreder (Marina)
 - "Comeso" tem que arrumar (Nezia). E agora: "ss" ou "ç"?
 - (Todas no "ç" direto.)

- "s" no "mai" e letra maiúscula no começo da frase.
 - Falta "m" no "e" = em (Ilza)
 - Nezia: falta n do "apreder"
- Perguntei o que ainda faltava no texto, além das questões ortográficas.
- Título! (Nilza)

Qual?

- (Silêncio)

(Sugestões: "A aluna está retomando" (Valeriana), "Eu tenho fé em Deus" (Nezia), "Mamãe vai aprender a ler; Nunca é tarde" (Marina).

Na votação foi escolhido o título: "Para aprender nunca é tarde".

As alunas gostaram muito desta revisão conjunta, e pediram para copiar no caderno.

O texto ficou assim:

Para Aprender nunca é Tarde

Eu vim para escola para aprender mais um pouco, apesar da idade para ajudar meu filho que também está no primeiro ano.

Eu quero me esforçar para aprender mais.

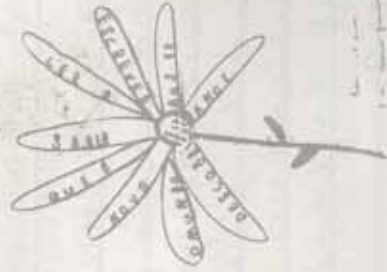
No começo parece difícel.

Mais Deus vai me ajudar que eu vou aprender.

Para aprender nunca é tarde
Eu vim para escola para aprender
mais um pouco, apesar da idade
para ajudar meu filho que também
está no primeiro ano.
Eu quero me esforçar para
aprender mais.
No começo parece difícel.
Mais Deus vai me ajudar que eu
vou aprender.

“... APESAR DOS
IMPREVISTOS, TUDO
FOI EXPERIÊNCIA...”

Roni Silva de Freitas, 49 anos



ENCONTRO COM A VIDA

Eu estou tentando
Comunicar-me com o mundo,
pois não consigo me olhar
Eu me sinto tão perdido
Tenho vontade de chorar!
Meus amigos, me ajudem
Não me deixe fraquejar,
pois a vida é tão bela
Tenho que nela estar.

Aluna: Julieta dos Santos Prado
E. M. João Antonio Sattie
Prof. Marilze Andrejew

NA PROCURA DE UM DIA MELHOR

Meu nome é Manoel Salomar
Vou lhe relatar algumas coisas do meu passado.
Eu fui um cara que não tive muita chance na vida.
Pra começar eu fui um cara que se criou sem mãe, filho de
operário que ganhava pouco mais que o Salário. Fui pro colé-
gio, mas o tempo que estive no colégio eu não soube
aproveitar, porque eu não levava as coisas a sério.

E vem o trabalho aos 16 anos, com 17 vim para Porto
Alegre. Aos 21 anos entrei numa de casar, morei de aluguel
nunca pude arrumar grande coisa. Porque ganhava pouco.

Bem já passou-se 14 anos. Hoje graças a Deus eu moro na
minha casa própria, ganho o suficiente para o meu sustento e
da família e procuro seguir o caminho de Deus.

Bem o motivo de eu estar aqui é porque se Deus quiser
quero o mínimo o primeiro grau.

Aluno: Manoel Salomar Dias da Luz, 31 anos
Prof.: Maria Inês Oliveira
Escola: Grande Oriente

EU, RONI

Eu, um pequeno bebê, que veio ao mundo, para alegria dos meus pais. Depois, cresci um menino sapeca que brincava com gado de osso.

Mais tarde fui para escola aprender algumas letras que me ajudou um pouco.

Depois passou a minha adolescência, tive que começar o dever de cidadão.

Aos dezoito anos, tirei o título de eleitor, depois fui servir a Pátria, que até hoje não esqueço das minhas horas boas que passei, apesar dos imprevistos que aconteceu, mas tudo foi experiência.

Mais tarde voltei à querência, cheio de bom intenção, aí resolvi casar e construir um lar e ter filhos.

Começou algum atrapalho, na vida daquele pequeno bebê.

Devido a situação monetária, vim dar com costado na capital, cheio de alegria.

Agora me achando com muita falta de estudo, aparecendo mais esta oportunidade, estou aproveitando creio que todos os dias, está se aprendendo, porque o melhor dia será o de amanhã.

Aluno: Roni Silveira de Freitas, 49 anos

Prof.: Lurdes Rosa

Escola: N. Sra. de Fátima

EU SOU UM RAPAIS DE ORIGEM ALEMA.

Eu gosto de sair os fins de semana, ir em circo no cinema passar com a namorada. Eu pesso que as pessoas podiam ser mais combrensivas us com os outros.

Meus sentimentos as vezes são muido fortes em relcao ao serviso em casos de traição fofocas.

Eu pesso que aquelas pessoas não te, coração.

Tenho 25 anos e estudo na usina do gasômetro

Aluno: Blásio Griebeler, 25 anos

Prof.: Rosane Martins

Escola: CMEJA/Usina do Gasômetro

Reflexões sobre o texto

Para começar o processo de reescritura do texto, resolvemos gravar o nosso trabalho, seguindo a sugestão da Comissão Organizadora. Como a gravação inibiu a turma, comprometendo os resultados, desistimos da idéia.

Tinhamos para trabalhar a cópia do texto do Blásio e o próprio aluno passou o texto no quadro para facilitar a correção.

Após a leitura individual e a leitura em grupo, foi necessária a interferência da professora, levantando dúvidas quanto a correção na escrita, passando a leitura do primeiro parágrafo, pausadamente, e "carregando" a voz onde as palavras apresentavam erros ortográficos.

A colega Elidia foi a 1ª a perceber que a palavra "alemã" apresentava problemas e foi ao quadro tentando corrigi-la, colocando o "ij" e acrescentando um "n" no final, o que gerou polêmica, que só foi resolvida, com o uso do dicionário, pelo próprio autor do texto.

Uma colega também disse que a expressão "em circo", no primeiro parágrafo, parecia dizer que estava ao redor, e deve ser usado "no circo". Continuando com a exploração do parágrafo, foi necessário chamar a atenção para a pontuação e a pronúncia da palavra "pasar" para que os alunos percebessem que é necessário o uso de dois "ss".

Percebeu-se que, no 2º. parágrafo, a expressão "us com os outros" não combinava e deveria ser escrita "uma com as outras", pois estávamos nos referindo "às pessoas". Nesse momento chamei a atenção para o gênero das palavras e sua concordância. Continuando, foi necessário solicitar que prestassem atenção na palavra "combrensivas": assim, descobriram a troca do "p" pelo "b", mas a correção final só foi feita através do uso do dicionário, porque continuei insistindo que ainda faltava alguma coisa.

Foi interessante que o próprio autor, ao passar o texto no quadro, fez naturalmente a correção na palavra "penso", que no texto original havia escrito "pesso".

Quando se considerava o trabalho pronto, recorri ao livro "Palavra de Trabalhador", para que a turma percebesse que faltava um título na história, e assim passar a escolha deste título.

A palavra "rapais" no primeiro parágrafo continuou na forma original, pois como faz parte do modo de falar, em nenhum momento ficou a dúvida se deveria ser escrita ou não e preferi não interferir diretamente.

O texto ficou assim:

Quem sou eu?

Eu sou um rapais de origem alemã.
 Eu gosto de sair aos fins de semana, ir no circo, no cinema e passear com a namorada.
 Eu penso que as pessoas podiam ser compreensivas umas com as outras.
 Meus sentimentos, às vezes, são muito fortes em relação ao serviço em casos de traição e fofocas.
 Eu penso que aquelas pessoas não tem coração.
 Tenho 25 anos, estudo na Usina do Gasômetro.

A HISTORIA DA MINHA VIDA

Eu me lembro do meu pai trabalhando quando eu tinha 6 anos ele era vendedor de roupas e sapatos ele chegava tarde e a minha mãe pensava que ele estava tendo um caso com outra mulher. Como toda mulher desconfia quando o marido chega tar ela chinga briga e toca panelas e sapatos no marido, mas a minha mãe mandava ele embora e ele falava. Querida eu estava trabalhando e não com outra mulher e a minha mãe me chamava, Erick e eu falava o que foi mãe ela falava assim, fala pro teu pai o que nós esperamos fala o que ele falou pra você, tá mãe ele disse que ele estaria ao meio dia para me levar para o colegio e não veio e depois ele falou que iria trabalhar de novo e viria de noite para fazer os temas comigo e também não veio. Aí a minha mãe falou, viu você não presta cafajeste, mentiroso cínico não é isso querida eu estava na firma enrolando o chefe porque ele não creditou que

eu estava mau ontem e depois esqueci a hora e peguei no sono e so tinha onibus as 6 da manha do outo dia então as mãe falou vamos comprovar se você dormiu no emprego ela e ele foram la e eu fique ate as 6 horas da manha esperando.e depois quem pegou no sono fui eu.

Aluno: Erick Calli Cardoso - 14 anos
 Prof. Miriam Pereira
 Escola Municipal Afonso Guerreiro Lima

Reflexões sobre o texto

Iniciamos o trabalho com uma conversa a respeito do texto escolhido e sobre a revisão que faríamos neste. A proposta foi que trabalhássemos da maneira que normalmente fazemos com textos individuais e coletivos. A única diferença seria a ausência do colega que o escreveu, devido ao seu afastamento, pois mudara-se para um bairro muito distante da nossa escola.

Professora: - Começaremos com o título. Como Está?
 Antonio M.: - Não poderia ser "A história da minha vida"?
 Professora: - Também poderia, mas "de minha vida" está bom. Quando é título, precisa colocar dois pontos no final?
 Alunos: - Não. Então, tira-se.
 Professora: - Como está o início do texto?
 Paulo: - Não tem parágrafo!
 Professora: - Será que podemos dizer este parágrafo, todo num fôlego só?
 Neli: - Não, temos que por vírgulas.
 Professora: - Onde estão as paradas?
 Zélia: - Eu acho que deve ter um ponto depois de "quando eu tinha 6 anos".
 Professora: - Por quê?
 Zélia: - Porque termina uma idéia.
 Professora: - Daí devemos fazer um novo parágrafo?
 Alunos: - Sim... Não...
 Professora: - É o mesmo enfoque ou não?
 Márcio: - Sim. É sobre o pai.

- Ledi: - Então é o mesmo parágrafo.
- Professora: - Há alguma palavra que apareça repetidamente e que possamos retirá-la sem alterar o texto?
- Eloarte: - Sim. A palavra "ele".
- Neli: - Quem sabe colocar um ponto depois de "sapatos" e vírgula depois de "mulher"?
- Professora: - Por quê?
- Carolina: - Porque ele ainda está falando da mulher.
- Professora: - O que altera se eu colocar o ponto pela vírgula?
- Paulo: - A letra maiúscula da palavra "chegava".
- Professora: - O restante do texto está bem?
- Cristiane: - Tá bonito!
- Cláudio: - Tem "de" para ficar "tarde", ele esqueceu.
- Paulo: - Dois pontos depois da palavra "tarde".
- Professora: - Tá bom os dois pontos aqui?
- Ledi: - Pode ser vírgula?
- Professora: - Ele não está enumerando várias coisas que a mulher faz?
- Zélia: - Tem que ter vírgulas para separar.
- Paulo: - A frase ficou muito comprida, vamos colocar ponto depois de "outra mulher".
- Professora: - Até aqui não tem problemas de trocas de letras?
- Ledi: - Na palavra embora boia "m".
- Professora: - Por quê?
- Ledi: - Porque é m no lugar de n.
- Professora: - Porque existe uma regra - convenção - que antes de p e b usa-se m.
- Eloarte: - ali no "mas", não vai um "i"? "Mais".
- Professora: - Não, nós pronunciamos "mais", mas escrevemos "mas". É uma questão de sotaque e também de língua falada e língua escrita, da qual nós já conversamos, lembram?
- Professora: - Mas, não há alguma palavra com troca de letras? Uma letra que tenha o mesmo som que a outra colocada? Após várias tentativas uma aluna descobre que em "chinga" deve ser "x".

- Professora: - E depois de "ele falava"?
- Elenita: - Dois pontos, depois um tracinho.
- Ledi: - Um tracinho antes de querida.
- Professora: - Como se chama o tracinho?
- Cláudio: - Travessão.
- Professora: - quando nós usamos?
- Carolina: - Quando alguém vai falar.

Assim, continuamos a correção do texto, colocando a pontuação que era considerada necessária e tentando entender a intenção do autor em cada expressão.

Como o texto foi considerado muito longo, terminamos de revisá-lo na noite seguinte. Porém, para isto os alunos receberam uma folha mimeografada e começaram arrumando o texto individualmente. Logo a seguir voltamos a correção coletiva no quadro-verde como na aula anterior.

- Neli: - Eu coloquei dois pontinhos depois de "falou".
- Professora: - Por quê?
- Neli: - Porque ela vai começar a falar.
- Paulo: - Nova linha, travessão e letra maiúscula.
- Paulo: - Botar um ponto no "cínico".
- Professora: - Que ponto? Acento? Qual a sílaba mais forte?
- Elenita: - "Ci".
- Professora: - Prossequimos colocando pontuação e arrumando pequenas falhas, sem alterar o sentido original do texto.
- Carolina: - Naquele "mau" eu botei um "l".
- Professora: - Por quê?
- Carolina: - Se tivesse doente é "mal" com "l".
- Professora: - E "mau", com "u"?
- Carolina: - Talvez se estivesse brabo!
- Paulo: - Vai acento em cima do "o" de "onibus".
- Professora: - Qual acento?
- Paulo: - Chapéuzinho.
- Elenita: - Em "so" também vai acento para ficar "só".
Um risquinho.

- Professora: - Por quê há diferença entre os dois?
 Carolina: - A diferença dos dois acentos, porque um é "ô" (som fechado) e o outro é "ó" (som aberto).
 Paulo: - Tira o "s" de "as mãe", não tá combinando.
 Cristiane: - Precisa colocar mais vírgulas, porque chega um momento do texto que a pessoa dá uma parada e tcha... põe uma vírgula.

Terminamos de revisar o texto e eu propus que eles falassem o que acharam do texto.

- Cristiane: - É um texto bonito.
 Carolina: - Algo que aconteceu de verdade. Foi do sentimento da pessoa.
 Ledi: - Porque ele não inventou, não mentiu.
 Professora: - Fala de coisas que acontecessem com todas as pessoas?
 Neli: - Sim, em todas as famílias.
 Professora: - E por quê contar uma história de vida num livro assim?
 Carolina: - Porque ele conta do pai que era trabalhador, das dificuldades.
 Elenita: - Porque é a palavra dele, que tá estudando, e é isso que importa.

O texto ficou assim:

A História da minha Vida

Eu me lembro do meu pai trabalhando quando eu tinha 6 anos, ele era vendedor de roupas e sapatos. Chegava tarde e a minha mãe pensava que ele estava tendo um caso com outra mulher. Como toda mulher desconfia quando o marido chega tarde: ela xinga, briga, toca as panelas e sapatos no marido. Mas, a minha mãe mandava ele embora e ele falava:

- Querida, eu estava trabalhando e não com outra mulher. E a minha mãe me chamava:

- Erick!

E eu falava:

- O que foi mãe?

Ela falava assim:

- Fala pro teu pai o que nós esperamos, fala o que ele falou prá você.

- Tá mãe. Ele disse que ele estaria ao meio dia para me levar para o colégio e não veio, depois ele falou que iria trabalhar de novo e viria de noite para fazer os temas comigo e também não veio.

Aí, a minha mãe falou:

- Viu? você não presta, cafajeste, mentiroso, cínico.
 - Não é isso, querida. Eu estava na firma enrolando o chefe porque ele não acreditou que eu estava mal ontem. E depois esqueci a hora, peguei no sono e só tinha ônibus às 6 horas da manhã do outro dia.

Então a mãe falou:

- Vamos comprovar se você dormiu no emprego. Ela e ele foram lá e eu fiquei até às 6 horas da manhã esperando. E depois quem pegou no sono fui eu.

Eu não sou você
 'Voa não é eu. Mas em grupo
 podemos unir e nos respeitamos
 uns entre para ser como amigos
 Voa sabe muito de mim e de sua
 porque somos um grupo unido
 diferentemente nos respeitando
 todas pessoas de grupo porque
 somos amigos para conversar
 passe não sentir solidão por
 fugir delas eu e voa e
 voa e eu

Reflexões sobre o texto

A primeira observação feita pela turma ao ler o texto foi quanto à acentuação da palavra "você". Em seguida a falta de pontuação e de parágrafo. Também foram prontamente corrigidos o plural e a grafia em "nu grupo", "uns aus outros", "Bons" e "grupo unidos".

Pareceu confusa à turma, inicialmente, a frase "Você sabe muito de mim eu de você". Depois de questionamentos como: o que a autora quis dizer com "eu de você"? a turma concluiu que seria sei de você, mas que não havia a necessidade de acrescentar o verbo e sim uma vírgula.

Em seguida foi analisada a oração "Mas num grupo podemos unir e respeitar uns aos outros". Através de questionamentos como: podemos unir a quem? a turma concluiu que seria adequado o uso de "nós" e, ao fazer uma leitura experimental, constatou que ao acrescentá-lo em "nos unir" era desnecessário repeti-lo em "nos respeitar".

O próximo ponto em discussão foi o trecho "nos respeitando todas as pessoas do grupo". A turma logo decidiu-se pela colocação do artigo, "todas as pessoas do grupo". Foi indagado aos alunos se quando dizemos "nos respeitando" não estamos incluindo todas as pessoas do grupo. Ao constatar que havia uma repetição de idéias, os alunos propuseram a retirada de "nos".

Após uma análise, foi feita uma leitura oral, a fim de averiguarmos as pontuações e os parágrafos necessários. Ao tentar delimitar os trechos em que as idéias se diferenciavam, os alunos foram também acrescentando pontos finais e vírgulas nas citações. Na última frase, a vírgula foi usada para evitar a repetição excessiva de "E".

O texto ficou assim:

Eu não sou você

Você não é eu, mas num grupo podemos nos unir e respeitar uns aos outros para ser bons amigos.

Você sabe muito de mim, eu de você porque somos um grupo unido.

Diferenciadamente respeitando todas as pessoas do grupo, porque somos amigos para conversar, para não sentir solidão, para fugir dela. Eu e você, você e eu.

A MINHA RUA É ÓTIMA

*mais não tem asfalto se tivesse seria melhor.
os vizinhos são ótimos se ajudam bastante quando é
necessário*

*Eu tenho 3 afilhadas do qual eu quero muito bem.
Todas elas moram na minha rua.*

*Quando é o Natal, e e as vizinhas fizemos novena na nos-
sas casas*

Quando chove jogamos pife.

Comemos pipoca para nos distrair um pouco.

*Aluna: Maria Dorvalina Trindade da Silva
Prof. Rosa de Fátima Pereira
Escola Municipal Afonso Guerreiro Lima*

Reflexões sobre o texto

O presente texto de autoria da aluna Maria Dorvalina da Silva foi reformulado por intervenção coletiva dos alunos.

Após a explicação sobre a necessidade de releitura a fim de aprimorar, suplantando possíveis desvios que comprometem a compreensão e a legibilidade gráfica, a autora reescreveu o texto fielmente no quadro, de acordo com o original.

O primeiro passo foi a verificação ortográfica, sublinhando aquelas que, segundo a turma, deveriam ser alteradas. Os vocábulos "asfalto" e "necessário" foram destacados e corrigidos, sendo reescritos da seguinte forma: asfalto e necessário. Nos dois casos consultamos o dicionário para confirmação.

Passamos então à acentuação, sublinhando aquelas cujo acento fora omitido ou desnecessário. A palavra "oimos" foi destacada e pedi que a aluna lesse a frase. Tendo pronunciado a vogal "o" com som aberto, perguntei qual a diferença entre a leitura e a representação gráfica da palavra, que traço confere som aberto às vogais em algumas palavras e respondeu que faltava o acento. Os colegas reforçaram e pedi que alguém colocasse o acento. Perguntei que tipo de acento era e responderam que era agudo.

Ao examinar a pontuação, fizemos a leitura em três etapas:

1) leitura feita pela autora obedecendo a pontuação feita nas frases;

2) leitura de voluntários desobedecendo a pontuação da autora;

3) escolha da leitura mais adequada e colocação ou exclusão de sinais (ponto, vírgula, travessão, etc.), quando necessário.

Quanto à concordância, examinamos a construção:

"Eu tenho 3 afilhadas do qual eu gosto muito."

Perguntei-lhe a que/quem referia-se "do qual" e ela respondeu que a palavra "afilhadas". Perguntei se o pronome estava adequado ao substantivo. Responderam que este estava no feminino e o pronome no masculino. José ainda completou que o pronome "do qual" só poderia estar ligado a um nome masculino. Observamos então a adequação em número (singular e plural). Perguntei se em relação a estes termos, haveria mais alguma alteração. Laura, então, mencionou o uso do pronome no plural, para concordar com o substantivo.

Verônica chamou a atenção para a frase:

"Quando é o Natal, eu e as minhas vizinhas fizemos novena na nossas casas."

O termo "nas" substituiu o seu singular, que não concordava com nossas casas.

No final do trabalho, a aluna fez a leitura do texto reformulado. PS.: antes de finalizar o trabalho, questionei sobre o nome do texto. Eles perceberam que não havia sido colocado e, a autora, então, formulou "A minha rua".

O texto ficou assim:

A minha rua

A minha rua é ótima.

Porém não tem asfalto.

Se tivesse seria melhor.

Os vizinhos são ótimos, se ajudam bastante quando é necessário.

Eu tenho três afilhadas, as quais eu quero muito bem.

Todas elas moram na minha rua.

Quando é o Natal, eu e as minhas vizinhas fizemos novena nas nossas casas.

Quando chove, jogamos pife e comemos pipoca, para nos distrair um pouco

MINHA ADOLESCÊNCIA

Na minha adolescência sempre fui um rapas bem alegre e divagatido

sempre gastei muito de brincar com as crianças e promívei aproveitar a vida pois cada fase de nossa vida é u momento e cada momento deve ser vivido. pois uma coisa é seita infânciã, adolescência e é velhice é uma ves só por isso eu acho que devemos proveitar para que daqui mais uns anos a gente não tenha do que reclamar e se arrepender se você não tive infânciã ou adolescência não se entristeça pois Há po ai gente que teve uma ótima adolescência e hoje não tem nade e nem mesmo é feliz.

Aluno: José Claudiomiro Chaves Pereira, 22 anos
 Prof. Maria Beatriz Horn
 Escola Mun. Alberto Pasqualini

Reflexões sobre o texto

- Colocar "A" no título para ficar melhor: A Minha Adolescência

- Adolescência com maiúscula em todo o texto para destacar a importância.

- Adolescente é com sc já vi escrito num livro.

- O texto tá muito grande, tem que pontuar, não tem ponto nenhum.

- Para que serve o ponto?

- Para dar fôlego, para separar as idéias, prá conseguir entender as idéias. Não se tem a mesma idéia durante todo o texto, aí muda de ponto e parágrafo.

Obs.: Nesse momento em que alunos viram a Prof. escrevendo o que eles diziam, se preocuparam dizendo: "Não coloca o que eu disse. A Carla não disse nada".

A Prof. acalmou-os dizendo que tudo o que eles vinham dizendo eram as regras. Eles passaram a valorizar o que diziam.

- Ali depois de "... procurei aproveitar a vida", tem vírgula para separar a idéia, mas continuando ela.

Obs.: Neste momento, um aluno trouxe a seguinte questão:

- Professora, será que depois que o texto for publicado, eles não vão se sentir tristes de ver o texto mudado?"
- Quem sabe eles mesmo respondem.

O José disse:

- "Não, porque está sendo feito na minha frente."

Denise: "Deve ser corrigido desde que não mudem, só corrigiam".

Eduardo: "Mas e depois do livro pronto?"

José: Eu acho que tem que colocar ponto, arrumar.

Carla: Mas ele mesmo vai fazer isso quando ele ler o texto no livro.

Ema: Mas o José quer ver seu texto bonito.

Eduardo: Mas ele vai se sentir triste, que mexeram no seu texto.

José: Mas eu quero ver melhor.

A turma decidiu que era melhor corrigir.

A professora colocou após o final da correção do texto a questão de que nós, do SEJA, nos preocupamos com esta questão e que conversamos muito e que concluímos que a correção ajudará aos alunos, professores e pesquisadores na área da escrita.

O texto ficou assim:

A Minha Adolescência

Na minha adolescência sempre fui um rapaz bem alegre e divertido.

Sempre gostei muito de brincar com as crianças e procurei aproveitar a vida, pois cada fase de nossa vida é um momento.

E cada momento deve ser vivido, pois uma coisa é certa, infância, adolescência e velhice é uma vez só, por isso eu acho que devemos aproveitar para que daqui uns anos a gente não tenha do que reclamar e se arrepende.

Se você não teve infância ou adolescência não se entristeça, pois há gente por aí que teve uma ótima adolescência e hoje não tem nada e nem é feliz!

HISTÓRIA DA MINHA VIDA

Eu vim do Recife Trabalhava Em Porto Alegre no Ribes. Lá no Recife Trabalhava DE TÉCNICO de fliPERANA AI PAITEI PARA o RESTAURANTE.

Eu já TINHA ANDADO No Rio DE Janeiro, São Paulo TRABALHANDO e NAO gostei DE LA E VIM PARA PORTO Alegre, Tentar uma VIDA MELHOR E ME DEI BEM.

DESSes lugares TODOS QUE ANDEI Es colhi Porto Alegre PoQue Aqui é CALMO, Tranquilo, bom de TRABALHAR. gosto muito DE Porto Alegre.

AONDE ENCONTREI PAZ E TRANQUILIDADE

A ONDE ENCONTREI minha família Sou muito FELIZ Em Porto Alegre.

gosto muito do meu Trabalho é muito DIVERSIDO E A Doro meus Amigos. o futuro DO BRASIL E muito DIFÍCIL MAS ESPEro auEMELHORE Para MELHOR. ESPERO QUE o futuro DO PAIS MELHORE Muito Para MELHORar o Nosso PRESIDENTE A inflação DO PAIS MELHORE

O SALARIO DO TRABALHADOR E DO APOSENTADO DEVE MELHORar Muito.

o MEU futuro É COM A MINHA Família e A MINHA Filha.

Aluno: Josué Manoel da Silva
Prof.: Roselaine Aquino
Local: Usina do Gasômetro

Reflexões sobre o texto

Professor: Vamos falar sobre o texto do Josué?

Josué: Este é muito triste, vai todo mundo começar a chorar. Olha só! ...não tem aquele "e" no RIBES. É só RIBS sem "e". Quem botou aquele "e"?

Professor: Foste tu mesmo, foste tu que escreveu o texto.

Turma: risos

Nelsi: "Técno" é com n?

Elda: Não é técnico, é técnico, a gente diz técnico, mas está certo é com "cn". É bem uma história de nordestino que vai para São Paulo, hem!...Eloá: Alí é que vim para Porto Alegre, fica melhor.

- Professor: "Escolhi" foi escrito separado. É junto ou separado?
 Nelsi: É junto.
- Professor: Na frase: "porque aqui é calmo, tranquilo, bom de trabalhar", não falta nada?
 Josué: Falta um "e". Então fica: é bom de trabalhar.
- Professor: O Josué escreveu quatro frases soltas. Será que não dá para juntarmos já que tratam do mesmo assunto?
 turma: Sim.
- Nelsi: A frase começa com "g" maiúsculo e não minúsculo.
- Luis: Falta um "a" na frase: Aqui encontrei a minha família.
- Eloá: Eu escrevo "família" e "lh", mas é só com l.
- Eloá: "Adoro" é junto e não "A dorô".
- Professor: Evandro o que está escrito aqui?
 Evandro: Divestido.
- Professor: Está certo?
 Evandro: Não; é divertido, tem que botar o r.
- Professor: Esta frase está certa: "o futuro do brasil é muito difícil"?
 Josué: É "difício". É difícil de escrever e de falar.
- Luis: É "difícil" com "l".
- Josué: Ajuda Enequina!
- Enequina: "Espero que a inflação do País melhoré". Fica melhor, né?
 Evandro: Pode esperar sentado.
- Diogo: A inflação nunca vai melhorar.
- Professor: Ficou pronto, escrevi tudo que vocês disseram.

O texto ficou assim:

História da Minha Vida

- Eu vim do Recife trabalhar em Porto Alegre no Ribs. Lá no Recife trabalhava de técnico de fliperama aí passei para o restaurante.
- Eu já tinha andado no Rio de Janeiro, São Paulo trabalhando e não gostei de lá. Vim para Porto Alegre, tentar uma vida melhor e me dei bem.
- Desses lugares todos que andei escolhi Porto Alegre, porque aqui é calmo, tranquilo e bom de trabalhar.
- Gosto muito de Porto Alegre, aqui encontrei paz e tranquilidade.

Aqui encontrei a minha família, sou muito feliz em Porto Alegre.

GOSTO MUITO DO MEU TRABALHO É MUITO DIVERTIDO E ADORO MEUS AMIGOS.

O FUTURO DO BRASIL É MUITO DIFÍCIL, MAS ESPERO QUE MELHORE PARA MELHOR.

ESPERO que o Futuro DO PAIS melhora muito para MELHORAR O nosso Presidente.

ESPERO Que A INFLAÇÃO DO PAIS MELHORE. O SALARIO DO TRABALHADOR E DO APOSENTADO DEVE MELHORAR Muito.

O Meu Futuro É com a MINHA FAMILIA e A MINHA FILHA.

Sentindo a minha memória

Quando a música pode sentir a mim mesma. Não sei explicar. Foi alguma coisa diferente.

Vão lembrar de quando de em sua infância e passava pelo campo e jardins do lugar onde morava no interior que foi a época mais feliz da minha vida. Chegava-me senti estranhamente naquele lugar olhando as flores as cores e as formas. Sei de vez o campo ao longe, as trilhas coloridas, os animais que ali passeavam. Me senti leve longe da violência da cidade.

As vezes a gente esquece das coisas boas que existem por que passamos. É bom lembrar desses e saber que a gente foi feliz e ainda a gente é só que a gente não se dá conta. Não sei se vive e não sei se pensa, notícias minhas e

se pensam no lado bom
 da vida. Sem cogitação
 de um lado a tarefa que
 trabalham muito para
 sobreviver como se a vida
 fosse só cogitação. Para
 obter dinheiro e não cobrar
 da pensão. A gente pre-
 cisa sobreviver. Chego em
 casa muito cansado e
 vou dormir. Não tempo pa-
 ra mais nada. Como a
 professora falou outro dia
 a gente deilha de fazer
 as coisas importantes para
 fazer de coisas importantes.
 A minha me fez pensar
 coisas importantes fazer as
 coisas e outro lado da vida
 que a gente tem muito
 para fazer além de cogitar
 e que dá para ser feliz de
 novo.

Aluna: Sônia T. S. dos Santos Silveira, 33 anos
 Professora: Sadya Bellini
 Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto

OBS.: Esta redação foi proposta a partir da audição de trechos de música. Os alunos foram solicitados a escrever sobre pensamentos, sentimentos, imagens lembranças, etc... suscitados pela música.

No 1º momento, pedimos para que os alunos lessem a redação por eles reproduzidas em seus cadernos, silenciosamente, procurando observá-la quanto à sua estrutura, parágrafos, ortografia, pontuação, acentuação e outros detalhes que julgassem importantes.

Começamos analisando o título, se estaria ou não de acordo com o conteúdo exposto na produção escrita. A maioria concordou, havendo outras sugestões de título como "Como eu sou" e "O que a música pode transmitir".

A seguir, analisamos os parágrafos, estudando o subtema existente em cada um deles. Para tanto, realizamos uma leitura oral através da qual, puderam, os alunos, expressar suas idéias sobre os mesmos, chegando a um consenso. Ex:

P - Qual é a idéia expressa no 1º parágrafo?

A - Fala que, por meio da música, a pessoa pode sentir a ela mesma e que foi uma coisa diferente.

P - Todos concordam?

A - Sim

P - Tal parágrafo dá, a nós, uma idéia sobre o tema que abordará a autora? Essa idéia deve aparecer no 1º parágrafo? Por quê?

A - Sim. É sobre as lembranças, os sentimentos e as reflexões que a pessoa faz ao ouvir a música. A idéia deve aparecer no 1º parágrafo, diz um aluno, enquanto que outro diz não saber. Ainda, outros dois falam que numa redação deve existir o início, meio e fim e, o 1º parágrafo, está representando o início; o tema sobre a qual a gente vai escrever...

P - E os demais parágrafos tem a ver com este 1º que introduz a redação? Não existe nem um que escape do tema geral?

A - Sim. Nenhum parágrafo escapa à idéia geral, porque a autora fala de suas lembranças passadas e presentes e de seus pensamentos como trabalhadora, como pessoa e sobre o mundo. É, diz outro, ela faz uma comparação entre as coisas bonitas e feias, quero dizer, entre a felicidade e a vida na cidade, o corre-corre, a violência. Outro: a música fez ela sentir o amor e a vontade de viver mesmo no meio da violência e do corre-corre...

P - Muito bem. Então, todos os parágrafos estão bem distribuídos? Existe um subtema em cada um deles? Não há nada que possamos mudar?

A - Não, está bem.

P - Todos têm certeza?

A - Sim.

P - Vamos reler em voz alta o 3º parágrafo. Qual é ou quais são os subtemas presentes aí?

A - Fala das lembranças boas que são esquecidas por causa da violência, da profissão da pessoa que escreveu que é muito cansativa.

P - Quantos subtemas temos aí?

A - Dois subtemas: as lembranças boas e o trabalho.

P - Então, quantos parágrafos deveriam existir para expressar tais idéias?

A - Dois.

P - Onde começaria o 2º?

A - Ali onde diz que "sou cozinheira..."

P - Todos concordam?

A - É, melhorou. Só que tem um erro no parágrafo anterior porque está começando com letra minúscula.

P - É errado?

A - Claro, sempre a gente começa as frases com letra maiúscula.

P - Vamos arrumar, então. Temos, ainda, o último parágrafo. Qual é a idéia que ele manifesta?

A - Que é preciso sentir o lado bom da vida, ser feliz. Outro: A música fez a autora se dar conta que é preciso fazer as coisas importantes também, como amar e ser feliz, que o importante não é só cozinhar.

P - O Manuel havia falado que o último parágrafo deve terminar, fechar a redação. Isto aconteceu aqui?

A - Achamos que sim, que está bom assim.

P - Que outra modificação poderíamos fazer na redação, fora o já visto? (uma pausa)

A - Música não se escreve com z e sim com s.

P - Então vamos analisar a ortografia, a escrita das palavras. Começando do 1º parágrafo, além da palavra música, sugerem outra correção?

A - Coisa se escreve com s e não z.

P - Todos concordam? Não há mais nada para ser melhorado aqui?

A - Nada, respondem.

P - Como escrevemos a palavra "explicar"?

A - Após pensarem, uma aluna: ah, lembrei. É com x não com s.

Da mesma maneira analisamos as palavras de todos os parágrafos, conferindo, juntamente as acentuadas na antepenúltima sílaba, no caso das palavras época e música. Retomamos, também, em ortografia, a colocação do m antes

de p e b, como em "lembranças" e "tempo", embora, a autora oscilou em tais palavras, grafando-as corretamente em outros trechos da produção, bem como outras palavras que apresentaram as mesmas dificuldades, como "campo" e "importantes". Da mesma forma trabalhamos o g e j, questionando os alunos quanto a sua grafia: gente, longe.

Encontramos alguma dificuldade da autora grafar palavras cujos sons poderiam ser representados de diferentes maneiras como em exatamente, trocando por esatamente, música por música, feliz por felis, paseavam por paseavam, esquece por esquesse, fosse por foce, deixa por deicha, etc... Este tipo de troca gráfica é muito comum e natural, possuindo uma lógica que lhe é própria pela sonoridade existente em palavras escritas de maneiras diferentes.

Trabalhada a ortografia, analisamos a pontuação. Lemos oralmente cada frase e, conforme sua idéia e entonação empregada na leitura, a necessidade ou não de empregar os sinais, especialmente, o ponto final. Ex:

P - Vamos ler a 1ª frase do 2º parágrafo. Onde termina sua idéia, seu sentido? Podemos descobrir pela entonação de nossa voz. Vamos perceber?

A - Ao lerem, baixaram o tom de voz após a palavra "vida". Lemos novamente para sentir a idéia da frase e se fecharia até a palavra "vida". Todos concordaram. Alguns disseram que a partir de "consequi" iniciava-se uma nova idéia, uma nova frase.

Assim procedemos com as demais frases, analisando-as uma a uma.

Após, os alunos foram questionados quanto a outros detalhes merecedores de correções.

Entre outras coisas, referiram a separação de sílabas de algumas palavras que estavam mal como em borboletas e em "cheiro".

Por último, fizemos referência à estética da redação, especialmente, ao 3º parágrafo. Lemos todas as frases, dando ênfase na repetição da palavra gente, na tentativa de dar uma pista aos alunos. Não foi difícil a reação.

A - Tem muita gente neste parágrafo.

P - Poderíamos substituir toda essa gente? Como? (os alunos riram)

A - Poderia ser assim: É bom lembrar de novo e saber que a gente foi feliz e ainda é, só que não nos damos conta...

P - O que acham?

A - Melhorou.

P - Vocês percebem que houve uma mistura de 'gente' com 'nós'?

A - É. Ou tudo 'gente' ou tudo "nós".

P - E como ficaria melhor?

A - Se ficar 'gente' não é legal porque daí é muita gente, se ficar o 'nós' como ficaria?

P - Vamos ver. Juntamente com a turma lemos lentamente a frase, fazendo as substituições: "É bom lembrar de novo e saber que fomos felizes e, ainda, somos, só que não nos damos conta porque só ouvimos e vemos violência..."

E assim, fizemos outras mudanças para melhorar a concordância e estética da redação.

Lêmo-la mais uma vez para sentir sua mudança.

Após, realizamos um ditado das palavras analisadas e que sofreram correções.

OBS: Não reproduzimos todos os diálogos na íntegra, apenas alguns momentos. Não nos preocupamos em manter exatamente a expressão dos alunos, pois houve a necessidade de resumirmos algumas falas.

LEGENDA: P - Professora - A - Aluno

O texto ficou assim:

Sentindo a mim mesma

Ouvindo a música, pude sentir a mim mesma. Não sei explicar. Foi alguma coisa diferente.

Veio-me lembranças de quando eu era criança e passeava pelo campo e jardins do lugar onde morava no interior, que foi a época mais feliz da minha vida. Consegui me sentir exatamente naquele lugar, observando as flores, as cores e as formas, seu cheiro, o campo ao longe, as borboletas coloridas, os animais que ali passeavam. Me senti leve, longe da violência da cidade.

As vezes, esquecemos das coisas boas que existem em nós, das coisas boas por que passamos. É bom lembrar

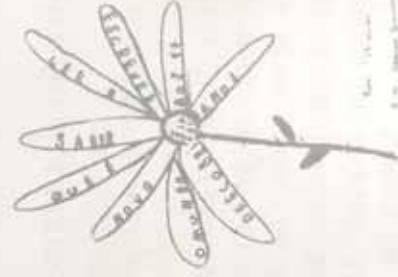
novamente e saber que fomos felizes e, ainda, somos, só que não nos damos conta porque ouvimos e vemos violência, notícias ruins e quase não dá tempo para se pensar no lado bom da vida.

Sou cozinheira de um bar e tenho que trabalhar muito para sobreviver como se a vida fosse só cozinhar. Trabalho rapidamente e sou cobrada por isto. A gente precisa sobreviver. Chego em casa muito cansada e vou dormir. Não tenho tempo para mais nada. Como a professora falou outro dia, a gente deixa de fazer as coisas importantes para fazer as coisas urgentes.

A música me fez pensar que preciso fazer as coisas importantes também. Sentir o outro lado da vida, o amor. Saber que a gente tem muito para fazer além de cozinhar e que dá para ser feliz de novo.

...“EU SOU ASSIM MUITO LOUCA”...

Suenir Stawvinski, 65 anos



MINHA VIDA

Eu nunca fui triste e já tive motivos e bastante nesta vida. Mas não sei como, sempre saio das tristezas, procuro fazer algo, assim como crochê ou tricô, ou ligo o rádio, ou saio, e vou no armazém.

Assim eu levo a minha vida, sou uma pessoa alegre, feliz, honesta, e procuro ajudar as pessoas, as amigas e parentes.

Eu sou assim muito louca, gosto de dançar, brincar com as crianças, e eu se tenho tempo, vou brincar com os meninos da minha rua.

Eu adoro estudar e se Deus quiser eu ainda vou conseguir o que eu quero com ajuda dos meus professores.

Eu chego lá.

Meu ex-marido disse que a minha escola fez uma lavagem cerebral, mas eu não concordo com ele, pois eu sou uma pessoa livre e dona de mim e eu sei o que eu quero. A Escola me ajudou a descobrir que eu sou uma mulher inteligente.

Aluna: Suenir Stawvinski, 65 anos

Professora: Mara Moreira
Local: Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

DE MÃE PARA FILHA,

Quando eu percebi a minha filha Adriana estava quase da minha altura nas não se sentia a vontade com as mudanças que estavam ocorrendo. Achei que estava na hora de termos uma conversa franca então expriqueei para ela como uma menina que estava ficando moça tinha que se cuidar mais eu acho que se todas os pais fizesse assim não haveria tantos marginais no mundo e tantas meninas nas ruas.

Aluno: Rosane Mara

Professor: Angela Leão

Escola: E.M. José Loureiro da Silva

Reflexões sobre o texto

Fizemos a correção coletiva em grupo a partir de uma cópia do texto mimeografada, onde os alunos, no 1.º momento, fariam a leitura e arrumariam o que achassem necessário.

No início da discussão, os alunos apontaram os seguintes problemas nas palavras:

não - mãe

fizese - fizesse

à - a

então - então

altura - altura

Os problemas mais discutidos foram com relação:

1. Então: ela escreveu com "m" e deveria ser "n", porque "m" só vai antes de p e b. Esta informação foi trazida por um aluno e quando questionado falou ter obtido essa informação pela professora.

2. mas ou mais: houve uma dúvida neste caso. Lemos as frases ligadas pelo "mais" e dependendo da pontuação que usássemos ficava com sentido "tanto mas", "quanto mais": Como a aluna Rosane não estava em aula ficamos num dilema sobre o que ela queria dizer:

"... tinha que se cuidar mais..." ou

"... tinha que se cuidar, mas eu acho..."

Após várias discussões tive a idéia de buscar em suas outras produções textuais alguma onde aparecia "mas" e então verificamos que ela sempre escrevia "mais" quando queria dizer "mas".

3. As questões sobre a pontuação do texto foram as mais complicadas de serem resolvidas.

a) pontuação (.) utilizada no título;

a primeira frase do texto é um título ou uma frase dentro do texto?

- Título!

Buscamos diversos tipos de textos: jornais, narrativas, diálogos, poesias; a fim dos alunos compararem se aparecia ou não a vírgula. A partir daí concluíram que não colocamos aquela vírgula no título.

b) pontuação no "então": haveria ou não necessidade de colocarmos um sinal de pontuação ali?

Foi feita a leitura do texto em voz alta várias vezes por todos.

- Quando conversamos aparecem os sinais de pontuação como quando escrevemos?

Fiz a leitura do texto sem observar os sinais de pontuação (corrido) e perguntei se eles tinham entendido como eu li.

Começamos a questionar a pontuação do "então" e, pela leitura, um aluno falou que tinha que ter um ponto e vírgula porque "mudamos o tom".

Procuramos ver se havia ligação de uma frase com a outra, se um assunto continuava o outro e a partir daí vimos que não poderia ter ponto final.

Usamos a dramatização do diálogo para constatar que não havia uma pausa demorada quando contamos sobre a conversa que a mãe teria com a filha.

Uma das propostas foi tirar o "então" pois só estava atrapalhando.

OBS.: O 1.º "mas" que aparece no 1.º parágrafo, deveria vir antecedido por uma vírgula, baseado em regra própria de pontuação (segundo o que nós discutimos, inclusive com uma professora de português). Na reescrita do texto, os alunos colocaram a vírgula.

4. Parágrafos

Observamos outros textos para ver o que acontecia no início deles. Então os alunos compararam o 1.º parágrafo e resolveram que deveriam modificar deixando o espaço no início do texto.

Quanto ao 2.º parágrafo, após lermos e discutirmos chegamos à conclusão que era outro assunto e que por isso deveria ser formado outro parágrafo.

O texto ficou assim

De mãe para filha

Quando eu percebi a minha filha Adriana estava quase da minha altura, mas não se sentia à vontade com as mudanças que estavam ocorrendo.

Achei que estava na hora de termos uma conversa franca; então expliquei para ela como uma menina que estava ficando moça tinha que se cuidar.

Mas eu acho que se todos os pais fizessem assim, não haveria tantos marginais no mundo e tantas meninas nas ruas.

UM DIA NA VIDA DE UMA MULHER

Éra uma mulher muito importante, por isso, eu a admirei. Éra morena, com, os cabelos longos, media um metro e 65 centímetros, olhos negros, ela era séria mas muito decidida. Não podia ver uma pessoa fazer nada só zinho, lá ela estava para ajudar, levantar sedo e logo começava a tirar, o leite e tratar do resto dos, animais, fazia o chimarrão, chamava o resto da turma, mandava uns para a rosa e outros para o campo enquanto ela toma conta do resto. Ésta mulher é a minha mãe que eu admirei muito.

Aluna: Terezinha Prudente de Souza
Professor: Cíntia
Escola: E.M. Pasqualini

Reflexões sobre o texto

TÍTULO: inicia com letra maiúscula assim como as frases
"Éra": no início concordaram que se escrevia assim, depois, quando apareceu sem o acento, pediram para mudar, pois se deram conta que ficava correto, pois dava para ler sem o acento.
"SENTÍMETROS": se escreve com C, pois a abreviatura é cm.
"SO ZINLHA" é uma palavra só, se tem o ã, tem que tirar o I, para poder ler.

"UMS, EMQUANTO": escreve-se com ã . pois não tem p ou b perto.
"ÉSTA": é escrito sem acento, pois é como a palavra "era" no cartaz da sala está escrito sem acento.

OBS.: Ao copiar o texto corrigido, a aluna reorganizou os parágrafos.

Questionada sobre isto, disse que agora já sabe arrumar essas coisas!

O texto ficou assim:

UM DIA NA VIDA DE UMA MULHER

Era uma mulher muito importante, por isso, eu a admirei. Era morena, com cabelos longos, media um metro e 65 centímetros, olhos negros, ela era séria mas muito decidida. Não podia ver uma pessoa fazer nada sozinha, lá ela estava para ajudar.

Levantava cedo e logo começava a tirar o leite e tratar do resto dos animais, fazia chimarrão, chamava o resto da turma, mandava uns para a roça e outros para o campo enquanto ela tomava conta do resto.

Esta mulher é a minha mãe que eu admirei muito.

Um dia na vida de
uma mulher
era uma mulher muito
importante, por isso, eu a
admirei.
Era morena, com os
cabelos longos, media
um metro e 65 centí-
metros, olhos negros, ela
era séria mas muito
decidida.
Não podia ver uma
pessoa fazer nada só-
zinh, lá ela estava
para ajudar.
Levantava cedo e
logo começava a tirar
o leite e tratar do resto
dos animais, fazia o
Chimarrão, chamava
os outros para a roça e
enquanto ela tomava
conta do resto.
Esta mulher é a
minha mãe que eu
admirei muito.
Ela não podia
ver uma pessoa fazer nada sozinha.

PLANEJAMENTO FAMILIAR O QUE É?

A mulher de ve sicuidar pra não ter filhos em eceso e não passar necessidade com a criança. eu acho que a mulher deve tomar cuidados para não fica gravisa por que depoi não a diante chorar e nem pençar em fazer um aborto

Voce pode sicuidar tem tantas formar de sevintar uma gravi- des mais pratico é o metodo da pírua e mais faciu tem outros tem a camizinha o dio mais o impörtante é planejar.

ALLUNA: Denise Lemos
Professora: Suzana Sá
Escola: E.M. Alberto Pasqualini

Reflexões sobre o texto

- Precisa letra maiúscula "P", para Planejamento.

José: Faltou parágrafo

Denise: A palavra "deve" eu escrevi separado, mas tem que botar junto. No lugar de "prá" deve ser "para". "Ecesso" é bom com "ss" no lugar do "c".

Prof.: Não, deve ser com "sc".

Denise: tem que colocar "s", na palavra necessidade e em "crianças", pois tem mais que uma. No "agora" é parágrafo, porque é idéia nova. Colocar, também, acento no "grávida" e vírgula para separar.

Prof.: E esta palavra "pençar", é com "ç"? Nunca a viram escrita, em algum lugar?

Alguns: Não!

Prof.: É com "s", gente!

Ema: No "ali" é parágrafo, porque é idéia nova!

Prof.: E a palavra "voce", como se lê?

Carlos: É "você", com o acento do vovô!

Denise: É acento circunflexo. E ali, a palavra "sicuidar", é igual a outra, escreve-se separado.

Prof.: E aqui? Mantenho assim?

Denise: É melhor ponto; prá separar as idéias. E depois, parágrafo de novo, para falar dos métodos. A palavra "envitar" está errada, tirar o "n".

Prof.: "Gravides", é assim?

Denise: É com "z", que nem "rapaz".

Prof.: E "metodo"?

Denise: É com acento.

Prof.: E aqui? "Que o método da pírua é mais fácil"...

Está bem?

Denise: Tá meio ruim.

Prof.: No quê?

Denise: Não sei explicar. (silêncio dos outros)

Prof.: Se colocarmos o "mais" em outro local, não vai ficar relacionado com o método?

Denise: É mesmo, fica melhor!

Prof.: E esta palavra: "faciu", Leiam!

José: "Fa-ci-u" é com "i" no fim.

Prof.: E mais alguma coisa? Leva acento onde?

José: Então é no "fá" que tem o som mais forte.

Denise: Tudo o que vai falar dos outros métodos deve ficar junto.

Prof.: E a palavra "camizinha". Camisa se escreve como?

José: Então camizinha é com "s" também.

Prof.: E a palavra "dio"?

Marília: No DIU, deve ser letra maiúscula!

Prof.: A palavra "mais" é correta aqui?

Ema: Não! "Mais" é contai! É "mas".

Prof.: Esta última parte, deve ser a continuação ou aparecer separada?

Denise: Acho melhor separar, para terminar o texto.

O texto ficou assim:

Planejamento familiar. O que é?

A mulher deve se cuidar para não ter filhos em excesso e não passar necessidades com as crianças.

Eu acho que a mulher deve tomar cuidados para não ficar grávida, porque depois não adianta chorar e nem pensar em fazer um aborto.

Você pode se cuidar. Tem tantas formas de evitar uma gravidez.

O mais prático é o método da pírua e o mais fácil. Tem outros, tem a camizinha, o Diu.

Mas o importante é planejar!

“BATERAM NELE E TOMARAM TODOS OS PASTÉIS...”

Márcio Cleiton Bicca, 18 anos



SEM O TRABALHO EU NÃO CONSIGO SOBREVIVER.

Só o meu ordenado é baixo.

Eu fui pião de boiadeiro por muito tempo e nada na vida eu arrumei a minha vida continua sempre na pobreza.

Eu acredito que no trabalho ninguém fica rico porque trabalho mal dá pra sobreviver porque o salário do perário é muito baixo

Aluno: Mario Machado Pereira

Professora: Carmen Lima

Local: Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

O TRABALHADOR MARCÉLO

era uma vez menino que gostava muito de trabalhar um dia ele ouviu na escola que seu colega tinha arrumado um emprego e au chegar em casa pediu para o seu pai para ele arrumar um serviço e seu pai falou para sua mãe fazer ums pastel para ele vender

Marcelo ficou muito contente já no primeiro dia ele vendeu bastante e deu o dinheiro para os seus pais mais os pais de marcélo derão um pouco para ele e Marcélo ficou muito felis no segundo dia quando ele saiu para trabalhar os muleque dela do centro baterão nele e tomarão todos pastel Marcélo começou a chorar foi quando passou um senhor de auita classe e perguntou porque é que ele estava chorando e ele explicou para o senhor que os muleque tinham roubado os pastel e o senhor falou para Marcelo que tinha um serviço para ele na padaria ele des dai pode agudar seus pais com era a sua vontade fim

Autor: Márcio Cleiton Bicca, 18 anos

Professora: Cristina Ferreira Rodrigues

Local: Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto

PROFESSORA: Vamos iniciar a discussão pelo título: "O Trabalhador Marcelo". Alguém quer comentar alguma coisa?

ANDREA: Tem alguma coisa errada.

MÁRCIO: É aquele trocinho ali em cima. Pra mim, tá errado

- PROFESSORA: Qual trocinho? Os acentos?
 ANDREA: É. Eu acho que o pauzinho tá errado. É no "tra".
- PROFESSORA: Ah! A gente põe o pauzinho no "tra" e vai ficar TRABALHADOR. É assim que a gente diz?
 MÁRCIO: Não. A gente diz trabalhador e pauzinho é no "lha".
- ANDREA: eu acho que não tem acento nenhum.
 PROFESSORA: Por que que não tem acento nenhum?
 ANDREA: Não sei. Só sei que tem palavras que não têm acento. E trabalhador não tem; é só trabalhador. Ó... tá vendo? ...É simples, ó: trabalhador.
- PROFESSORA: E Marcelo? Tem acento?
 MÁRCIO: Tem sim, porque no meu nome tem.
 CARLA: Eu acho que Marcelo não tem acento nenhum. É como trabalhador. É simples.
 MÁRCIO: Será que não tem?
 IONE: Eu acho que não tem acento não.
 PROFESSORA: Era uma vez menino.
 MÁRCIO: Era uma vez UM menino. Eu escrevi "um"
 PROFESSORA: Humm... Olha o teu texto...
 MÁRCIO: É mesmo! Eu esqueci...
 PROFESSORA: Era uma vez um menino que gosta muito de trabalhar. Não está faltando mais nada?
 MÁRCIO: Ah! ... Letra maiúscula... mas dá pra entender, não dá? E tem ponto final, porque terminou aquela frase.
 PROFESSORA: E quando é que termina uma frase?
 CARLA: Nem faço idéia!
 MÁRCIO: Eu sei, mas não me lembro.
 ANDREA: É que está contando uma história.
 IONE: Eu acho que não vai ponto porque ele quer dizer "... trabalhar um dia". Eu acho que vai isto aqui, ó: (desenha uma vírgula), porque vai continuar o assunto do menino. (A professora lê de novo, utilizando a entonação correta).
- IONE: Professora, eu vou mudar de opinião. Ali, depois de "trabalhador" pára o assunto. Vai ponto.
 ANTONIO: Vai ponto.

- CARLA: É, vai ponto.
 MÁRCIO: tem uma palavra com PROBLEMA ALI Ó...
 CARLA: É! "Colega" não tem grampinho...
 PROFESSORA: E "aí" chegar em casa... tem algum problema?
 IONE: É "aí" chegar em casa"
 PROFESSORA: É AL? (reforçando a posição da língua no fonema "l".)
- MÁRCIO: Não, não! É AO
 PROFESSORA: Continuando, então: "Ao chegar em casa pediu para o seu pai para le arrumar um serviço e seu pai falou para sua mãe fazer ums pastel para ele vender" - E então?
- MÁRCIO: "ums", ali, é com USN (risos na turma) ôpa! não é USN é UNS, porque só vai "m" antes de p e b.
 IONE: E "pastel", professora, tem que acompanhar o "uns"; é pastéis.. Bota um ponto aí depois de vender, porque termina outro assunto.
 MÁRCIO: Não vai ponto ali, vai uma vírgula e ponto de exclamação depois de "contente" (A professora lê, sem fazer nenhuma pausa como estava o parágrafo e propôs que eles fizessem a pontuação).
 MÁRCIO: Depois de "emprego" vai uma vírgula e outra depois de serviço.
 IONE: E um ponto depois de vender porque aí termina este assunto.
 PROFESSORA: "Já no primeiro dia ele vendeu Bastante".
 IONE: "bastante" com letra minúscula, pois não terminou a frase antes.
 MÁRCIO: Separa o "o" do dinheiro ali. É duas palavras.
 CARLA: É "deram" e não "Derão" porque é passado.
 MÁRCIO: É mesmo... A gente lendo é que vê que faz burrada; lá adiante, ó, é "bateram" e não "baterão", porque é passado também.
 (A professora seguiu lendo e a cada palavra com problema ortográfico era corrigido pelo próprio Márcio ou pelos seus colegas. Ex. "felis" é com "z" e não com "s"; é "moleques" e

não "moleques"; "tomaram" e não "tomarão"; é "alta classe" e não "auta classe").

A professora continuou propondo o mesmo desafio sobre a pontuação. Márcio achou que ficava melhor colocar pergunta direta na parte do texto que o menino Marcelo se encontra com o senhor de alta classe.

PROFESSORA: Como se faria então a fala do senhor de alta classe?

MÁRCIO: Ficaria "Porque é que você está chorando?"

PROFESSORA: Isto! E depois, como é que fica?

MÁRCIO: Fica assim: Ele explicou para o senhor: os moleques roubaram os MELUS pastéis. O senhor então disse assim: "Eu tenho um serviço lá na padaria".

(A Professora trabalhou a colocação dos dois pontos e do travessão que, em outras oportunidades, já tinha sido trabalhada).

MARCELO: E termina assim: "Marcelo daí em diante pode ajudar seus pais como era sua vontade". Vai ponto e não precisa fim porque o ponto fica no lugar do fim.

(A Professora pediu que ele relese toda a história de novo que ficou assim):

OBS: Apesar da insistência da professora, os alunos não perceberam que o pronome oblíquo na verdade, deveria ser registrado "lhe".

O texto ficou assim:

O trabalhador Marcelo

Era uma vez um menino que gostava muito de trabalhar. Um dia ele ouviu na escola que o seu colega tinha arrumado um emprego, ao chegar em casa pediu para o seu pai le arrumar um serviço, e seu pai falou para sua mãe fazer uns pastéis para ele vender.

Marcelo ficou muito contente!

Já no primeiro dia ele vendeu bastante, deu o dinheiro para os seus pais, mas os pais de Marcelo deram um pouco para ele, Marcelo ficou muito feliz. No segundo dia quando saiu

para trabalhar os moleques de lá do centro bateram nele e tomaram todos os pastéis. Marcelo começou a chorar, foi quando passou um senhor de alta classe e perguntou:

- Porque é que você está chorando?

Ele explicou para o senhor:

- Os moleques roubaram os meus pastéis.

O senhor então disse assim:

- Eu tenho um serviço para você lá na padaria.

Marcelo daí em diante pode ajudar seus pais como era a sua vontade.

EU LEVATO TOTOS DIA CEDO

é saio a 7 oras par o trabalho e trabalho o dia toto so uoto a noite para ver a miha as qinasa eu trabalho covotade mas o meu salario nu dapramada eu nau cosigo a pronta a mia casa

Aluna: Maria Erica Branco da Rosa
Professora: Valéria de Fraga Román
Escola: E.M. Villa Lobos

Reflexões sobre o texto

Escrevi o texto igual a produção da Maria, no quadro. Depois, começamos a revisar com todo o grupo.

Discutimos a questão da escolha de um nome para história, "título", que ficou para ser definido no final da revisão.

Começamos analisando palavra por palavra e depois vendo a concordância em todos os sentidos.

"LEVATO". Após a leitura vimos que faltava algo. Sugeriram "ou". Escrevemos e lemos, vimos que não era. Então surgiu a letra "n", por parte de uma aluna.

"TOTOS". Lemos e percebemos que havia uma letra trocada. Qual seria?

Uma aluna citou o "s" e outra o "d". Comparamos as escritas e optamos pelo "d".

Lendo toda a frase descobriu-se que deveríamos acrescentar o "os" à frase, para que ficasse melhor.

Então questionei: "E a palavra 'dia'? Acrescentamos o 's'. Uma aluna falou que sete é mais que um, portanto o 'a' deve ir para o plural.

Na palavra "HORAS", houve a minha intervenção para a utilização do "H".

Então, vimos que a cada frase, outra idéia, deveríamos colocar um ponto final.

"TOTO". Uma aluna disse que na leitura desta palavra havia algo errado. Então um aluno, disse, que faltava o "d" de "dado". Com o grupo viu-se em que lugar colocaríamos o "d". Faltava o acento no "so" para ficar "só".

"VOTO". Falta acento, outro disse que era um "s", outros um "a", depois sugeriram o "n". Escrito no quadro, viu-se que não era "vonto". Escrevi a palavra com o espaço da letra, em branco: VO_TO, surgiu, então o "i", lemos e vimos que não era. Um aluno silábico perguntou: - Falta o "l" professora? E todos concordaram que era o "l", que faltava.

Perguntei: E se pararmos a leitura aqui, fica com sentido a frase?

Vimos que não, então continuamos a idéia. Como não era frase nova, deixamos sem novo parágrafo.

Quantas crianças são? Temos que concordar o "a" com "as" "QINASA".

E a palavra "QINASSA" na leitura, o que devemos trocar?

O "C" de "casa" e a autora do texto deu-se conta de que faltava o "r" e outro aluno citou o "i". Se eu deixar "na" ficaria "crinassa" e, como fazer então?

Trocar o "n" de lugar, segundo a autora.

O "s" dá o som buscado, mas esta palavra se escreve com "ç" - intervenção da professora.

Para dar sentido na frase deve-se acrescentar o "s", porque são mais de uma criança.

Ponto final, acrescentou um aluno.

"CO" a autora disse que queria fazer "COM", mas não sabia que letra faltava.

Escrevi no quadro "CO_", para que completassem. Um aluno sugeriu "A", lemos e não deu certo. Qual é? Outro aluno disse "m".

"VOTADE". O que está faltando? Disseram o "i", escrevemos e vimos que não era. A autora falou que era o "n" antes do "i".

Para usar-se a vírgula, houve interferência da professora. Uma aluna sugeriu que a palavra "SALARIO" deveria ter acento no "a". Juntos descobrimos em qual "a" iria o acento.

"NU". Lemos e a autora disse que faltava um "a". Coloquei o "a" no fim da palavra e lemos "nuá".

Mandaram colocar o "A" no meio. Lemos "NAU". Disseram que faltava o "n". Leram "NAUN" e decidiram que estava correto. Então, houve a intervenção da professora para escrever-se "NÃO".

"DA". Para colocar o acento, expliquei o que era verbo.

Formamos outra frase, disse a autora. "NAU". Eles mesmos corrigiram a palavra achando graça da escrita anterior "NAU".

"MIA". O que falta? Queremos escrever "MINHA". A autora falou o "nha" e citou as letras.

Depois da leitura final, a autora deu um título ao texto: "O Trabalho".

O texto ficou assim:

O trabalho

Eu levanto todos os dias cedo.

E saio às 7 horas para o trabalho.

E trabalho o dia todo só volto a noite para ver as minhas crianças.

Eu trabalho com vontade, mas o meu salário não dá prá nada.

Eu não consigo aprontá a minha casa.

MINHA RELAÇÃO DE VIDA COM MEU TRABALHO

Eu era funcionário público estadual.

Mais eu ganhava muito pouco e não tinha profissão foi então que o meu irmão me convidou para que eu viesse para Porto Alegre trabalhar na carris de mecânico eu não tinha grande experiência de mecânico fiquei com medo de larga um emprego que tinha estabilidade para arriscar num serviço que eu entendia muito pouco e também tinha medo de não me adaptar por que eu me criei no interior e tinha medo da cidade grande.

Mas hoje estou muito feliz por que consegui realizar dois sonhos que era ter uma profissão e ter a minha casa própria e eu estou estudando para que eu posso poder mudar de cargo mais tarde.

Aluno: Antonio Carlos da Rocha, 32 anos
Professora: Mari Peres de Lima
Escola: Carris

Reflexões sobre o texto

Anteriormente havia falado como deveria acontecer a reescrita do texto e que todos os colegas deveriam ter participação ativa na reescrita.

Todos os alunos aceitaram auxiliar o colega e no transcorrer da aula deu para observar a participação efetiva de todos.

Não foi possível gravar, porque o aluno esqueceu o gravador em casa. Então anotei algumas intervenções tipo:

-Ah! professora, eu sabia que minha é com "nh", falta de atenção, e a senhora não foi capaz de me dizer que faltava uma letra, como a senhora é... (palavras do autor do texto).

-Professora, fica mais certo trabalhar; afinal, o texto vai para o livro, deve estar tudo correto (Juçara).

-Cesar reforça: também acho que se é para corrigir, deve ser colocado os "éres" e os "esses"; às vezes eu tento corrigir as pessoas e essas não aceitam; então, acho melhor deixar que continuem falando errado...

SEJA/93

TEXTO: MINHA RELAÇÃO DE VIDA

COM MEU TRABALHO

Eu era funcionário público estadual.
Mais eu ganhava muito pouco e não tinha profissão foi então que o meu irmão me convidou para que eu viesse para Porto Alegre trabalhar na carris de mecânico eu não tinha grande experiência de mecânico fiquei com medo de larga um emprego que tinha estabilidade para arriscar num serviço que eu entendia muito pouco e também tinha medo de não me adaptar por que eu me criei no interior e tinha medo da cidade grande

Mas eu hoje estou muito feliz por que consegui realizar dois sonhos por que ter uma profissão e ter a minha casa própria e eu estou estudando para que eu posso poder mudar de cargo mais tarde.

NOME: Antonio C. da Rocha

IDADE: 30 ANOS

NIVEL: C B 4º

LOCAL: Carris

Eu pergunto sobre a pontuação e faço a observação que o Antônio não pontuou (com vírgulas, ponto final), mas usou parágrafos.

Novamente um aluno da alfabetização fala no "r" final da palavra larga: - Não ficaria mais certo largar? (fala o Aldo).

Todos concordaram em continuar no 1º parágrafo a idéia do 2º e reescrever em outro parágrafo algumas mensagens do 2º parágrafo.

Adão lembrou que na palavra "entendia" não era escrita com "m" pois "m" só antes de p e b.

Ao finalizar falou em dois sonhos, mas escreveu três; acharam que ficaria melhor separar em outra idéia o que havia feito em uma só.

No final da reescrita todos fizeram questão de copiar o texto reescrito, ressaltando a importância.

Um dos alunos lamentou estar afastado, na época do trabalho, pois gostaria de ter participado.

Foi super produtiva a participação de todos na reescrita do texto selecionado.

O texto ficou assim:

Minha relação de vida com meu trabalho

Eu era funcionário público estadual, mas ganhava muito pouco e não tinha profissão.

Foi então, que o meu irmão me convidou, para vir para Porto Alegre trabalhar de mecânico na Carris.

Eu não tinha grande experiência como mecânico, e fiquei com medo de largar um emprego que eu tinha estabilidade, para arriscar em um serviço, que eu entendia pouco; eu poderia não me adaptar, pois me criei no interior e a cidade grande me apavorava.

Eu hoje estou feliz porque consegui realizar dois sonhos. Que eram ter minha casa própria e uma profissão.

Para completar minha felicidade, voltei a estudar, para que mais tarde possa mudar de cargo.

OS PROBLEMA DE NOSSA CIDADE

Nossa cidade está passado varias necicidades.

Nossa cidade está passado mizerias fomé dezeptreço fauta de lotés...

Nossa cidade está com 3 febem uma em belem velho oltra perto do campo de colorado eutra na Cruzeros. Emesmo assim tem farias mais crianças e jorvei e pesoas adutas nas ruas. Isto mu ver dá uma pena do fundo do coração mesmol.

Eutras coizas muito gravé como hospitais pubrico. Etambem fauta de equipameto para hospitais pubricos.

Eo outro pobrema como o dezeptrego que esta cada dia muito e mais e mais grade o dezeptrego.

Etambem cem tem unprego ganha muito pouco bem dizer nada. Esas pessoas que Trabalham asuézês pação fomé é mesmol.

Etambem asçontas com água luz e alugeu e comida e etc...

E muitas outras coizas varias e varias. E eu sou uma prova viva eu Trabalho des dos 13 anos. Jatribalhei eu três eipregos eu nomomento eu ganho uma mizeria 1/2 salário por mes. Quimiseria!

Aluno: Fabiano Alves Junqueira

Professora: Sinara Celisire

Escola: E.M. Gabriel Obino

Reflexões sobre o texto

Iniciamos o trabalho de reescritura do texto, partindo de uma leitura e debate sobre o mesmo. Primeiramente abordamos o seu conteúdo, discutindo sobre desemprego, serviços públicos e a situação do trabalhador, não só em Porto Alegre, como em todo o país.

Depois conversamos sobre o que faltava no texto; questionei a forma como estava escrito, sua organização, clareza e legibilidade.

Escrevi o texto no quadro para que pudéssemos analisá-lo; a partir daí, iniciamos sua reescritura.

Cada aluno lia um parágrafo, comentando sobre sua clareza e legibilidade.

A turma participava dando opiniões e, quando não percebiam um "erro", eu questionava propondo que lêssemos novamente.

Correções quanto à ortografia:

Omissões de letras:

eté - está passado - passando
 dezeprego - desemprego grade - grande
 adultos - adultos cruzero - cruzeiro
 equipameto - equipamento

Ao depararmos com problemas de omissão de letras, a maioria dos alunos percebeu esta falta, falando qual a letra que havia sido omitida. Exemplo: etá/está, passado/passando...

Somente uma palavra os deixou em dúvida quanto a esta questão, o "problema" (pobrema).

Diante desta dúvida, fiz as seguintes intervenções:

- Como se diz "problema"?

- Vamos separar a palavra em sílabas? (primeiro lendo, depois escrevendo).

- Que letra falta nesta sílaba (po) para que fique "pro"? (identificaram logo que faltava a letra "r").

- Que letra deve ser colocada na sílaba "be" para que possamos ler "ble"? (Os alunos responderam que deveríamos trocar o "r" pelo "l").

Vamos ler a palavra novamente?

Os alunos não questionaram a escrita da palavra "cruzeiro" (cruzero); achei melhor não intervir, pois acredito que o aluno escreveu foneticamente (supressão do "r" - economia da língua)

Aglutinação de palavras:

Emesmo - É mesmo eutras - E outras
 Etambém - E Também Eo - e o
 asvzés - às vezes ascontas - as contas
 etem - e tem jairabalhei - Já trabalhei
 nomomento - no momento Quimiseria - Que miséria

Nesta questão, houve maior dificuldade nas palavras as contas (ascontas), que, devido a aglutinação e a troca do "c" pelo "ç", dificultou sua compreensão (não sabiam o que aquela palavra queria dizer).

Intervenções feitas:

- Vamos ler novamente a frase para ver sobre o que ela está falando?

- A água, a luz, o aluguel e a comida querem dizer o quê neste parágrafo? (os alunos responderam que estas coisas representam as contas que temos que pagar).

- Como se escreve "contas"?

- Escrevemos "ascontas" ou "as contas"?

- Porque o "as" não fica junto com "contas" (responderam que são duas palavras diferentes).

Troca de letras:

necicidades - necessidades miserias - misérias
 dezeprego - desemprego oltra - outra
 farias - várias jovei- jovem
 pesoas - pessoas nu - no
 coizas - coisas pubrico - público
 fauta - falta pobrema - problema
 cem - sem eimprego - emprego
 pação - passam çontas - contas
 alugueu - alugue ei - em
 qui - que

Os alunos perceberam a troca de letras em algumas palavras, por exemplo: outra (oltra), outra (eutra), falta (fauta), públicas (pubricas, em (ei), que (qui). Após detectarem estes "erros" fizeram as correções no texto escrito no quadro.

Fiz as seguintes intervenções:

- Como se lê esta palavra?
 - Que letra deve ser mudada?
 - Agora ficou correto? Vamos ler novamente.
 Algumas palavras (com trocas de letras) não foram notadas pelos alunos (desemprego, pessoas, coizas, alugueu).
 Intervenções feitas:

- Será que esta palavra é escrita assim?
- De que outra forma pode ser escrita?
- Vamos procurar no dicionário a escrita correta destas palavras?

Respostas dos alunos:

- Coisas com "s" é como "casa", que também se escreve com "s"
 - Mas o "s" pode ter o mesmo som do "z", né?
 - Em "aluguel" precisa ter o "u" senão fica alugel (leitura).
- Utilização da letra maiúscula:
- Febem - FEBEM
- belem velho - Belem Velho
- Jonvei - jovem
- Dezemprego - desemprego
- Perguntei para os alunos quando utilizamos a letra maiúscula, obtive as seguintes respostas:
- Quando é nome de pessoa e de lugar.
 - Quando começa outra frase.
 - Depois do ponto.

Intervenções:

- Quais destas palavras são nomes de lugares? (Belém Velho, e FEBEM).
- Que lugares são estes? (um bairro e uma casa)
- Por que é necessário darmos nomes às pessoas e aos lugares? (nome próprio) (responderam que serve para diferenciar um dos outros).

Ao trabalharmos com a palavra FEBEM expliquei que é uma sigla, que cada letra significa (representa) uma palavra.

Intervenções:

- Vocês conhecem outras siglas? (Responderam RS - Rio Grande do Sul).
- Como escrevemos RS, com letras maiúsculas ou minúsculas?

Acentuação:

- | | |
|-----------------|---------------------------|
| varias - várias | mizerias - misérias |
| gravé - grave | funcionario - funcionário |
| esta - está | vézés - vezes |
| pação - passam | fomé - fome |
| três - três | |

O trabalho em relação aos problemas de acentuação das palavras teve que ser direcionado para que os alunos percebessem a necessidade ou não do uso de acentos.

Intervenções:

- Esta palavra da forma como está escrita, lê-se assim: "várias".
 - O que está faltando nela para que possamos dizer "várias" (responderam que faltava acento).
 - Onde colocamos o acento?
 - Para que servem os acentos? (Para deixar a letra mais forte, responderam).
 - Na palavra "três", da forma que está escrita lemos "três". O que precisa modificar? (Uma aluna respondeu que o acento do três era o chapeuzinho, os outros concordaram).
- Colocamos algumas vírgulas no texto após fazermos uma pausada leitura.

Intervenções:

- O que poderíamos fazer para organizarmos melhor estas frases? (pontos e, às vezes, vírgulas).
- Quando usamos a vírgula? (responderam que é necessário para dar uma paradinha nas frases)
- Usamos vírgulas para separar e enumerar palavras.

Observações:

- O uso constante da conjunção "e" foi mantido por ser o elemento conector utilizado pelo aluno para fazer o encadeamento de frases.
- O aluno justificou a repetição de algumas palavras (várias e várias), dizendo ter a intenção de dar "força" para a frase, ênfase.

Toda a turma participou do processo de reescritura do texto, preocupando-se em não modificar seu conteúdo, sua essência.

Ao final do trabalho, relemos o texto a fim de ver se havia "melhorado", inclusive o autor concordou que as correções feitas facilitaram bastante sua compreensão.

O texto ficou assim:

Os problemas de nossa cidade

Nossa cidade está passando várias necessidades.

Nossa cidade está passando misérias, fome, desemprego, falta de lotes...

Nossa cidade está com três FEBEM, uma em Belém Velho, outra perto do campo do Colorado e outra na Cruzeiro. E, mesmo assim tem várias, mais várias crianças, jovens e pessoas adultas nas ruas. Isto, no meu ver, dá uma pena do fundo do coração, mesmo!

Outras coisas muito graves como hospitais públicos, falta de equipamentos para hospitais e falta de funcionários públicos.

E o problema como o desemprego, que está cada dia muito mais grande.

E, também, se tem emprego, ganha-se muito pouco, bem dizer nada. Essas pessoas que trabalham, às vezes, passam fome mesmo!

E, também, as contas como água, luz, aluguel, comida, etc. E muitas outras coisas, tem várias e várias.

Eu sou uma prova viva. Eu trabalho desde os treze anos. Já trabalhei em três empregos. Eu, no momento, ganho uma miséria, 1/2 salário por mês.

Que miséria!

O TRABALHO

Eu vou contar sobre o que me aconteceu quando eu fui capinar um pátio de uma mulher que tinha três filhos só que eu não sabia o que eles faziam e daí eu perguntei quanto ela ia me pagar e ela me disse que só podia me pagar 50.000 mil tá e daí eu topei e daí eu fui capinar um dia depois, e eu só terminei três dias depois tá e ela me falou que só podia me pagar um dia depois que o meu marido só ia reseber esse dia e até hoje eu estou sem reseber.

Aluno: Daniel Costa Miranda

Professora: Vera Rosa

Escola: E.M. Heitor Villa Lobos

Reflexões sobre o texto

Após a escrita da redação no quadro e leitura da mesma, em conjunto pelos alunos, a correção fez-se em três etapas.

Primeiramente, uma aluna ofereceu-se para colocar os acentos que faltavam nas palavras. Neste momento houve participação de todo o grupo.

Após, observou-se a pontuação das frases. Um aluno percebeu que estas estavam muito longas. Sendo consultado o produtor do texto, este concordou e fez algumas modificações, inclusive na construção das frases. As expressões "tá", que apareceram antes, foram excluídas. A palavra "serviço" apareceu para "explicar melhor" o que ele fazia.

Lembraram o uso de dois pontos e travessão em um diálogo, quando a senhora que tratou o trabalho, referiu-se ao seu marido: - "O meu marido só ia receber ..." o aluno decidiu que seria mais simples dizer: "O marido dela". Aboliu-se então o diálogo, já que era ele que estava contando o fato ocorrido.

Finalmente, o grupo deteve-se na ortografia das palavras, sendo neste momento, corrigidas as palavras: "aconteceu", "trêz", "reseber", etc.

O texto ficou assim:

O trabalho

Eu vou contar sobre o que me aconteceu, quando eu fui capinar um pátio de uma mulher, que tinha três filhos.

Eu não sabia o que eles faziam, daí eu perguntei quanto ela ia me pagar.

Ela me disse que só podia pagar 50.000 mil e daí eu topei.

Então eu fui capinar um dia depois.

Só terminei o serviço três dias depois. Aí ela me falou que só podia me pagar no outro dia, pois o marido dela só ia receber nesse dia.

E até hoje eu estou sem receber.

» A JUSTIÇA E AS INJUSTIÇAS QUE SENTIMOS NA PELE»

Arnildo Rodrigues



ERA UMA VEZ

Era uma vez, um povoado tranqüilo com bastante verdes, pássaros e um Povo alegre e feliz. Num belo dia deu uma tempestade horrível e de repente lá estava ela, a bruxa chamada "Violência". E seu mal se espalhou por toda a terra e o povo que antes era feliz e alegre e gentil, ficou carrancudo, brigão e infeliz; e lá naquele povoado as crianças não puderam mais brincar na rua, os pássaros não voaram mais e as árvores foram quebradas. A paz já não existia mais.

Quem sabe, talvez algum dia apareça uma fada ou mago bom que possa destruir a bruxa feia e horrorosa. Até lá teremos que tentar sobreviver escondidos da bruxa chamada "Violência".

Aluno: Lisbela S. Santos
Prof.: Anésia Viero
E. M. Pessoa de Brum

COMPOSIÇÃO SOBRE UMA CRIANÇA

uma menina de cor preta numa janela, braços cruzados, escorada nesta janela, olhando para fora. Possui cabelos curtos, pretos, olhos escuros, nariz curto, rosto cheio, aparenta ter uns nove anos de idade.

Aparentemente desocupada com a vida.

Não sei qual o nome dela porém sei que representa a maioria de nossas crianças.

Com a simplicidade normal de toda criança dessa idade ela representa a justiça e as injustiças que sentem na pele as crianças de nossa sociedade.

Precisamos admirá-las, conhecê-las e amá-las, pois elas serão o sol ou a tempestade do futuro.

Por ser de cor preta, traz desde o ventre materno uma dor que não se apaga, a dor da escravidão negra. Hoje depois de vários anos da chamada "Abolição da escravidão", esta raça sofre o desprezo, a repressão e o pouco caso que nós brancos fazemos ao ver uma pessoa negra e muitas vezes nem a vemos, porque passa ao nosso lado e nem percebemos.

Aluno: Arnildo Rodrigues
Prof. Marcia Mercedes Eilert de Vasconcelos
E. M. Heitor Villa Lobos

Reflexões sobre o texto

Transcrevi o texto no quadro-verde na sua íntegra, para que juntos corrigíssemos.

Após ter lido o primeiro parágrafo e questioná-los quanto à correção, os alunos iniciaram a falar:

Eloá: Tem janela demais, duas vezes janela na frase, professora.

Professora: Notaram algum erro no início da frase?

Marcos: Não sei, braços cruzados e escora ao mesmo tempo

Angela: No início da frase tem que ter letra "grande".

Corrigimos a frase inicial e o autor do texto resolveu alterar o parágrafo. Deixou uma vez a palavra janela - justificou - tinha que inverter a frase. (Arnildo)

No quarto parágrafo questioneei o plural de injustiças e singular para justiça. Arnildo justificou que justiça é única, por isso singular, e injustiças são várias.

No sexto parágrafo eles verificaram o erro na palavra "iráz"; corrigimos o acento.

"Escravidão ou escravatura" discutimos, porque eles achavam que não existia tal palavra.

Achamos necessário colocar algumas vírgulas devido a pausa no falar.

Foi bem produtiva esta correção em grupo.

O texto ficou assim:

História de uma criança

Uma menina de cor preta, escorada numa janela, de braços cruzados, olhando para fora. Possui cabelos curtos, pretos, olhos escuros, nariz curto, rosto cheio, aparenta ter uns nove anos de idade.

Aparentemente des preocupada com a vida.

Não sei qual o seu nome, porém, sei que representa a maioria de nossas crianças.

Com a simplicidade normal de toda criança dessa idade, ela representa a justiça e as injustiças, que sentem na pele as crianças de nossa sociedade.

Precisamos admirá-las, conhecê-las e amá-las, pois serão o sol ou a tempestade do futuro.

Por ser de cor preta, traz desde o ventre materno, uma dor que não se apaga, a dor da escravidão negra. Hoje, depois de vários anos da chamada "Abolição da Escravatura", esta raça sofre o desprezo, a repressão e o pouco caso que nós, brancos, fazemos ao vermos uma pessoa negra e muitas vezes nem a vemos, porque passa ao nosso lado e nem percebemos.

História de uma criança

Uma menina de cor preta, escorada numa janela, de braços cruzados, olhando para fora. Possui cabelos curtos, pretos, olhos escuros, nariz curto, rosto cheio, aparenta ter uns nove anos de idade.

Aparentemente des preocupada com a vida.

Não sei qual o seu nome, porém, sei que representa a maioria de nossas crianças.

Com a simplicidade normal de toda criança dessa idade, ela representa a justiça e as injustiças, que sentem na pele as crianças de nossa sociedade.

Precisamos admirá-las, conhecê-las e amá-las, pois elas serão o sol ou a tempestade do futuro.

Por ser de cor preta, traz desde o ventre materno, uma dor que não se apaga, a dor da escravidão negra. Hoje, depois de vários anos da chamada "Abolição da Escravatura", esta raça sofre o desprezo, a repressão e o pouco caso que nós, brancos, fazemos ao vermos uma pessoa negra e muitas vezes nem a vemos, porque passa ao nosso lado e nem percebemos.

O QUE NÃO ENTENDEMOS NESTE MUNDO

Não entendemos a violência, os assassinatos e espancamentos.

Na Voluntários e na Farrapos tem um policial do lado do outro. Nos pontos de ônibus e nas vilas não tem.

O presidente, o governador e o prefeito têm culpa nisso.

Precisa ter emprego para todo mundo e que todo o povo ganhe um bom salário para viver.

Não podem deixar subir as coisas do jeito que estão subindo. A gente vai comprar uma coisa de manhã e de tarde já está outro preço.

O preço dos remédios é um numa farmácia e, na farmácia do lado, já é outro preço.

O governo tem que botar regras.

O que adianta aumentar o salário?

O salário até podia ser menor se os preços parassem de subir.

Eles se envolvem com o dólar, mas o nosso dinheiro é o cruzeirinho. Se envolvem também com o fusca e nunca na vida que vamos poder comprar um. Nem mesmo a roda.

Texto coletivo, produzido a partir da leitura do livro "O menino que aprendeu a ver" de Ruth Rocha
Prof. Suzana Reckziegel
Cia. União de Seguros Gerais

A FOME

Os problemas do nosso Brasil

O desemprego e a saúde.

A moradia a falta

As pessoas passado miséria criança sem o educação

A atenção carinho saúde

A alimentação já nosso governantes são individualistas

E preciso ter vergonha esforço respeito valor o nosso miseravel governte

Aluna: Terezinha

Prof. Sirllei Godoy
Centro Mun. de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto

a) Leitura

b) opinião de cada aluno:

Terezinha: Talvez não esteja com sentido certo as palavras. Porque, eu agora lendo, eu posso ter idéia. Talvez as palavras não estejam na ordem certa. Que pelo fato de eu não saber escrever, direitinho, eu não coloquei na ordem certa. Talvez se eu soubesse escrever direitinho teria escrito mais coisas sobre o governo.

- Emerenciana: Eu acho o texto bom. Talvez se ela soubesse ler e escrever melhor ela fizesse melhor.

- Claudia: Eu acho que o texto está bom, tá até interessante. O texto que ela fez, talvez eu não soubesse fazer.

- Claudino: Eu achei ótimo, porque pelo tempo em que ela está aqui na aula, ela evoluiu muito.

- Wanderley: Eu achei muito bom. Mas se ela passar a limpo ela poderá colocar na ordem certa.

* O que nós iremos mudar no texto (se vamos mudar)?

- Claudino questionou o porquê da expressão: "miserável governantes".

* Autora explicou:

- Terezinha: "Miserável Governantes", eu quis dizer foi que eles não têm respeito, não valorizam o trabalho. Deveriam valorizar enfim os pobres. Quando eu disse a palavra "MISERÁVEL" é porque eles estão se lembrando só deles.

- Claudino: Principalmente no Brasil, que as comidas que eles têm armazenadas, que antes de colocarem fora, fossem distribuídas para os pobres nas vilas, e construir casas para os vileiros.

- Emerenciana: O nosso governo deveria dar mais atenção prá estas criaturas que estão jogadas nas ruas: crianças, velhos. Que dessem um pouquinho daquilo que eles têm e não deixassem tanta desgraça nas ruas, tanta miséria.

c) Em relação a pontuação das frases:

- Terezinha: Eu acho que está errado; eu nem acho, eu tenho certeza que tem muita coisa errada.

Por exemplo, eu só coloquei ponto uma vez.

- Claudino: As palavras estão fora do lugar, fora da pontuação.
- Emerenciana: Eu acho que elas não estão corretas. Quando ela terminou de escrever a frase ela não colocou o ponto.
- Cláudia: Que ela deveria colocar vírgulas em certas palavras e ponto. Porque, vamos supor: nem todas as palavras vão com ponto, algumas vão com vírgula.
- Wanderley: As palavras não estão no devido lugar, mas nós podemos fazer isto.

d) Em relação a escrita das palavras:

- * Professora: Considerando que tu já evoluíste em termos de escrita, percebes alguma palavra que deva ser mudada?
- Terezinha: Sim
- "Passado": falta o "n" em passando
- "Educação": falta o cedilha no "c"
- "Atenção": falta a cedilha
- "e": falta o acento no "é"
- "Alimentação": falta a cedilha
- "Esforço": falta a cedilha
- "Governo": totalmente errada: governantes

* Professora: alguém gostaria de dar sua opinião sobre a escrita das palavras:
Todos concordaram.

e) Escrita do texto:

- Edite: lembrou que faltou o "são" na 1.ª frase
- Cláudia: falou das vírgulas entre as palavras
- Wanderley: lembrou que faltava um "de" antes da palavra "trabalho"
- * Professora, por que nós colocamos um ponto no final desta frase?
- Terezinha: Porque nós terminamos a frase.

* Professora: E agora o que nós vamos fazer?

- Emerenciana: Não sei.
- Terezinha: Depois do ponto, que termina a frase, começamos outra frase abaixo.
- Claudino: Lembro que estava faltando um "s" na palavra "passando" (mas não soube onde colocá-lo).
- Wanderley: disse depressa: essa palavra tem dois "s", então ela fica "passando".
- * Professora, precisa ter a letra "o" antes da palavra "educação"?
- Responderam "não" Terezinha e Claudino.
- Terezinha: A ordem da frase seguinte, não está certa.
- Terezinha: Na última frase, tá faltando "vírgulas".
- Terezinha: Na palavra "miserável" vai "s" porque tem mais de uma pessoa.
- Edite: Tá faltando mais um "s" na palavra miserável.
- Terezinha: Mudou a penúltima e a última frase (acrescentou idéias).
- Claudino: Tem que colocar um "is" no final da palavra "miserável".

E o texto ficou assim:

A Fome

Os problemas do nosso Brasil são: o desemprego, a saúde, a moradia e a falta de emprego.

As pessoas passando miséria, criança sem educação.

Os nossos governantes são individualistas, porque falta atenção, carinho, saúde, alimentação e fé nos nossos governantes.

É preciso ter vergonha, esforço, respeito e valorizar os trabalhadores os velhos e as crianças.

Os nossos miseráveis governantes, estão se lembrando só deles.

Prto ALEGRE, 21 de ulho de 1993

XEGADOENCASA MUTO CASADA COMUITO CALOR
 ISTAVA ATE doENTE ATETO daixa GEMEDO SAINOVAMETE
 FUINOSUPERMECADO COPRAR CANE dos MASO de TePERO
 VRDe, e UMA CeBOLA VOLTEIPARCASA LARGEITUDO AODE
 DIS QUIE COARTO COSIA NAVERdaDe NAUECORATO NECO-
 SIA SAINOVAMETE NOUITRO SUPERCADO COPREei BATATiala
 COPREi BaTaTiNha E. voliENi laGEI Tudo aLi Aode disqueicor-
 IO NAVERdade NAO E COARTO NEICOSINha aidICE PARAMI
 MESMA TOMAR BANho EuVO AIBOTEI AUGUA NA BASIA
 PARAMELIOrAR A Vida PARAPO deRFAZERACOMida.

Aluna: Carmem Vedoi da Silva
 Prof. Denise Comerlato
 Local: Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto

Orientei-os para que olhassem cada palavra do texto, e con-
 ferissem o que pensavam ser a maneira correta de escrever.

Aluno: Em Porto Alegre falta um "o".

Aluno: Ali, na palavra "chegando", não é com "x"; pode ser
 com "c"; senão com "s".

Então coloquei o "c" com o "e", e perguntei se estava bom;
 então viram que faltava a letra "h". Salientei que o X e CH pos-
 suem o mesmo som, então perguntei:

- Como saber quando é um ou outro?
 - A gente tem que se acostumar a ver.

Nas palavras: ENCASA; COMUTO; PARCASA; AODE;
 NAVERDADE; SAINOVAMENTE, descobriram logo que se trata-
 vam de duas palavras distintas, por isso tinhamos que separá-
 las; e na palavra PO DER, viram que eram sílabas que fazem
 parte de uma mesma palavra, por isso deveríamos uni-las.

Perceberam que em algumas palavras faltavam letras, e
 logo identificaram e arrumaram estas palavras. Foi mais com-
 plicado na palavra "LAGEI" - o fonema gue.

Aluno: Assim fica lagei.

Então perguntei que leira acompanhava o "g" para fazer
 "gue" e eles responderam que era o "u".

Observaram também, que não era necessário a repetição
 da expressão "comprei batatinha".

Aluno: Já fala em cima "comprei batatinha", não precisa de
 novo.

Também houve dúvidas na escrita das palavras que esta-
 vam foneticamente corretas, mas graficamente incorretas.
 Exemplo: "COARTO"; "COSINHA"; "XEGADO"; "IXADA"; "MASO";
 "AICE"; "MELIOrAR".

Depois de ter corrigido a grafia das palavras do texto, traba-
 lhamos com a pontuação.

Professora: Até onde vai a primeira frase?

Aluno: Até "calor".

Professora: E o que se põe ao final de uma frase?

Aluno: Ponto final.

Também sugeriram que depois de "eu vou", houvesse um
 ponto final.

Aluno: Ponto de exclamação?

Professora: Para que serve?

Aluno: Para excluir.

Professora: E o que é exclamar?

Aluno: Falar com força.

Reflexão orientada pela professora Carmem Mazzilli.

O texto ficou assim:

Chegando em casa muito cansada, com muito calor.
 Estava doente, toda inchada e gemendo.

Saí novamente, fui no supermercado comprar carne, dois
 maços de tempero verde e uma cebola. Voltei para casa, lar-
 guei tudo aonde diz que é quarto-cozinha; na verdade não é
 quarto nem cozinha. Saí novamente noutra supermercado;
 comprei batatinha, voltei. Larguei tudo ali aonde diz que é
 quarto, na verdade não é quarto nem cozinha.

Aí disse para mim mesma tomar banho. Eu vou! Aí botei
 água na bacia para melhorar a vida, para poder fazer comida.

Proposta de trabalho: construir um texto ficcional a partir da leitura de uma reportagem da revista "Geográfica" sobre a história da cidade Vila Bela - Mato Grosso. Durante o período colonial, o ouro da cidade foi intensamente explorado. Com a queda da extração, a população branca abandonou a cidade, deixando lá os escravos que reconstruíram Vila Bela. Ainda hoje a população é predominantemente negra.

ILHA BELA

Manuel Fernandes chegou a Ilha Bela para morar com sua família e também vijiar o trabalho dos negros.

Tudo parecia lindo a cidade o ouro que lá havia, mas um dia ele resolveu ir até as minas ver o trabalho mais de perto. Foi então que conheceu um negro chamado Justino, já velho, doente, mas mesmo assim era obrigado a trabalhar, pois era escravo e estes não tinham direitos.

Manuel ficou chocado com tudo, pois vijiar escravos de longe era uma coisa, ver estes de perto tomou-se algo muito diferente.

Foi embora mas não podia esquecer aquele rosto velho, cansado.

Quando amanheceu ele voltou lá, aproximou-se do negro e falou:

- O que você sente?
 - Muitas dores.
 - Que tipo de dor?
 - O senhor não entenderia.
 - Eu gostaria de ajudar.
 - Me ajudar! Por que?
 - Para ser sincero não sei.
- Um guarda chegou e disse:*

- O Justino é assim mesmo cheio de fita!

- Cala a boca soldado. E leva este negro para a minha casa! Mas o tempo foi passando e o ouro ficou escasso, a população mais poderosa que eram os brancos foram abandonando a cidade e nesta deixando os escravos a mercê de destino.

Manuel que havia levado Justino para casa e deste cuidou e

tomou-se amigo, resolveu ficar na cidade e ajudar o restante da população a reconstruir a cidade e também cuidar dos negros.

Aluno: Auanise Garcia Marques, 23 anos

Professor: Marinara de Castro

Escola: Cia. União de Seguros Gerais

Reflexões sobre o texto

O texto foi copiado do quadro por todos os alunos. Após a cópia, pedi que todos lessem atentamente o texto, procurando observar o conteúdo e a forma. Seguindo a leitura silenciosa, o texto foi lido oralmente por alguns voluntários e, posteriormente, pela professora. A partir desta leitura, começamos um debate sobre a questão da pontuação. Perguntei se, de acordo com a leitura, os alunos teriam alguma alteração a fazer quanto ao uso dos pontos. Nenhum aluno respondeu. Perguntei como eles fariam a frase: "Cala a boca soldado", caso estivessem discutindo. Alguns alunos repetiram a frase com exaltação e rispidez. Perguntei, então, qual seria o ponto indicado para expressar essa idéia. Dois alunos responderam que seria o ponto de exclamação. Questionei se os demais concordavam com os colegas. Diante da insegurança de alguns, pedi que lessem outras frases do texto com o ponto final e outras com o ponto de exclamação, até a diferença ficar bem clara.

Pedi que um aluno lesse o seguinte parágrafo: "Mas o tempo foi passando e o ouro ficou escasso a população mais poderosa eram os brancos foram abandonando a cidade e nesta deixando os escravos a mercê do destino". Já na primeira leitura, o aluno fez uma pausa maior após a palavra "escasso". Alertei a turma para o fato, questionando a respeito da quantidade de pontos para o tamanho do parágrafo. Li o texto sem nenhuma pausa, deixando clara a dificuldade na respiração. Todos concordaram que deveria ter um ponto final após a palavra "escasso". Mesmo após várias leituras, não surgiu, por parte do grupo, a necessidade de vírgulas.

Perguntei ao grupo se havia alguma palavra para ser corrigida. Uma aluna disse que achava que "vijiar" era com "g". Estabeleceu-se o seguinte diálogo:

Professora: Se escrevermos esta palavra com "g", como faremos a leitura? E se escrevermos com "j"? (os alunos leram com a mesma pronúncia).

Se o "j" for colocado ao lado do "a", como lemos? E se o "g" for colocado ao lado do "a"? (Segui o mesmo procedimento unindo o "j" e "g" a todas as vogais). A turma chegou rapidamente a conclusão que "j" e "g" ao lado das vogais "e" e "i" produzem o mesmo som.

- Como então podemos saber se é "vijiar" ou "vigiar"?

A1 - Olhando no dicionário.

A2 - Eu acho que é com "g".

P - Por quê?

A2 - Porque "vigia" é com "g".

Um aluno procurou a palavra no dicionário e a correção foi feita.

Uma aluna desconfiou da palavra "aproximou-se" achando que a escrita correta seria "aprosimou-se". Fizemos um levantamento no quadro de outras palavras escritas com "s". Surgiram palavras como : pensar e casa. Observando várias palavras, os alunos chegaram a conclusão que o "s" entre vogais tem som de "z", logo, "aproximou-se não poderia ser com "s".

A - Quem sabe é com "c"?

Testamos esta possibilidade e o grupo concluiu que a hipótese era possível.

A - Tem que procurar no dicionário.

Após a consulta, fizemos um levantamento de outras palavras com "x" e dos diferentes sons que ele pode assumir. A correção ficou por aí.

O texto ficou assim:

"Ilha Bela"

Manuel Fernandes chegou a Ilha Bela para morar com sua família e também vigiar o trabalho dos negros.

Tudo parecia lindo, a cidade, o ouro que lá havia; mas um dia ele resolveu ir até as minas ver o trabalho mais de perto. Foi então que conheceu um negro chamado Justino, já velho, doente, mas mesmo assim era obrigado a trabalhar, pois era escravo e estes não tinham direitos.

Manuel ficou chocado com tudo, pois vigiar escravos de longe era uma coisa, ver estes de perto, tornou-se algo muito diferente.

Foi embora, mas não podia esquecer aquele rosto velho, cansado.

Quando amanheceu ele voltou lá, aproximou-se do negro e falou:

- O que você sente?

- Muitas dores.

- Que tipo de dor?

- O Senhor não entenderia.

- Eu gostaria de ajudar.

- Me ajude! Por quê?

- Pra ser sincero, não sei.

Um guarda chegou e disse:

- O Justino é assim mesmo, cheio de fita!

- Cala a boca, soldado! E leva já este negro para a minha casa!

Mas o tempo foi passando e o ouro ficou escasso. A população mais poderosa, que eram os brancos, foram abandonando a cidade e nesta deixando os escravos à mercê do destino.

Manuel que havia levado Justino para casa, deste cuidou e tornou-se amigo; resolveu ficar na cidade e ajudar o restante da população a reconstruir a cidade e também cuidar dos doentes.

FLAGRANTE

Uma prisão Efetuada na presença da televisão.o pulicial a peteu o diuido e levou pezo prata a delegacia por motivo que eu iquinoro

Aluno: Lizete

Professor: Joana Hundermarch

Local: Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto

- Flagrante quer dizer pego de surpresa
- Identificaram as letras
- Notaram que "GRN" eram todas consoantes
- Concluíram que faltava o "A"
- Contaram 9 letras e 3 sílabas
- Fizeram a leitura do texto em voz alta, com a professora revisando a pronúncia de cada sílaba.
- "Presença": notaram que o som CA não correspondia ao desejado; pensaram que se usaria o "S" a prof. os conduziu até o "ç".
- "Televisão": viram que faltava uma letra para fazer o som "são", ficaram na dúvida entre Z e S.
- "O pulcical apeteu o dividido"
- Corrigiram o "pu" por "po"
- Viram que o A estava demais (A PETEU)
- Colocaram "R", "N", corrigindo o "D"; no "U" final, ficaram na dúvida se seria "o" ou "u".
- "Divido": notaram que faltava algo no início, "in", e que no final, estava estranho; depois de algumas tentativas, chegaram ao "duo".
- "Prara": tiraram o R
- "Delegacia": ficaram achando que faltava letra; revisando na pronúncia, viram que estava certo.
- "Iquinoro": a pronúncia, primeiro, pareceu normal; questionados pela professora, notaram o "qui" errado e, por tentativa, chegaram ao "g".
- Inicialmente houve a dúvida entre "gui" e "g" da palavra "ignoro".

O texto ficou assim:

Flagrante

Uma prisão efetuada na presença da televisão.

O policial prendeu o indivíduo e levou preso para a delegacia por motivo que eu ignoro.

»VAMOS TER UM POUQUINHO DE RESPEITO?»

Maria Ledi dos Santos



Luiz : Ponto de interrogação.

Paulo: Depois começa com letra maiúscula.

Luiz : "Pelo" tem que trocar porque senão não combina.

Professora: Com o "um atendimento digno".

Professora relê o texto com alunos para ver se está bom.

Professora: E o título?

Alunos: Povo não tem maiúscula.

Paulo: Só nomes próprios.

Professora: Podem ficar todas as letras maiúsculas para salientar o título.

O texto ficou assim:

O Povo Sofrido

As pessoas mais carentes tem péssimo atendimento médico, posam na fila para receber atendimento, crianças não chegam a receber recursos e morrem.

Quando que nós vamos ter um pouquinho de respeito pelo nosso povo? Sempre temos que lutar por um atendimento digno.

A DOENÇA

As doenças são atiridas, por vírus, germes, e falta de higiene, grante parte também é da desnutrição que atinge a clace pobre no nosso estado que são os de paixa renta.

Os favelados esses morram de paixo de viatudos, pontes, e mesmo no relento nas calçadas, ruas, nos matos,

são os que mais sofrem pois não podem se refender eles não tem conhecimento, nem recursos porisso são os mais prechuticados.

Aluna: Maria Luceni Steffens, 46 anos
Prof. Helena Manara Roenstegel
E. M. Presidente Vargas

Reflexões sobre o texto

A autora inicia o texto referindo-se às várias doenças e o título se limita a uma doença.

- Como vocês acham que poderíamos representar o título, tendo em vista as várias maneiras de adquirir uma doença?

Com esta intervenção o grupo logo se deu conta do erro.

No primeiro parágrafo, a palavra "adquirida" por "atiridas", deixou muita dúvida, pois deu margem para a palavra "atingidas", devido à influência alemã que a aluna possui. Mas com a leitura do parágrafo, o grupo percebeu que a palavra correta seria "adquirida" e a autora confirmou o uso desta.

Neste mesmo parágrafo, a autora usou o ponto final sem ter terminado a idéia a que se propunha e também usou uma vírgula entre a palavra E.

O ponto final, logo o grupo percebeu, mas a vírgula, mesmo feito a leitura, não foi descoberta. Na concepção de leitura deles estava correto.

Nas palavras "grante", "parde", "renta", "depaixo", "viatudos", "refender", "conhecimento" e "prechuticados", não foi preciso a minha intervenção, pois o grupo tem conhecimento da dificuldade de expressão oral e escrita, pela influência alemã da autora.

Na palavra "clace", não perceberam o erro ortográfico. Li o parágrafo várias vezes, levando-os a perceberem a palavra "estado" com letra minúscula e a vírgula que faltava, porém ignoraram o erro ortográfico da palavra "clace".

A palavra "morram" foi percebida apenas com a leitura exata da palavra escrita com dois erres.

A palavra "de paixo", foi percebida apenas a troca do b pelo p, ficando a separação desta em segundo plano. Com a leitura pausada e a leitura completa da palavra, o erro ficou evidente.

O mesmo processo foi adotado com a palavra "porisso".

O texto ficou assim:

As doenças

As doenças são adquiridas por vírus, germes e falta de higiene. Grande parte também é da desnutrição que atinge a classe pobre do nosso Estado, que são os de baixa renda.

Os favelados, esses moram debaixo de viadutos, pontes e mesmo no relento das clacadas, ruas e matos.

Esses são os que mais sofrem, pois não podem se defender. Eles não tem conhecimento, nem recursos, por isso são os mais prejudicados.

As doenças
As doenças são adquiridas por vírus,
germes e falta de higiene.

Grande parte também é da desnutri-

ção que atinge a classe pobre no nosso

Estado, que são os de baixa renda.

Os favelados, esses moram debaixo de

viadutos, pontes e mesmo no relento

mas calçadas, ruas e matos.

Esses são os que mais sofrem pois não

podem se defender e os recursos, por isso

são os mais prejudicados,

Charia Luceni Steffens

46 anos

ANATURESA

Anatureza é divina e sublime. é vida da nossa vida. Sem ela seria impossível sobreviver - mas. Portanto, todo homem deveria ser conscientizado, para que não destrua.

Principalmente, a beira de rios lagoas e córregos. Bem pres-tem atenção nesta gravura: é um verdadeiro colírio para os olhos. Ali, um lugar calmo, tranquilo sem poluição. Anossa serra é o melhor veraneio. Principalmente para nossa, saúde física e mental.

Aluna: Nezia Fraga

Professora: Luciane Machado
Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto

O texto foi produzido a partir de uma gravura.

O texto da Nezia apresenta poucos erros ortográficos, segundo as colegas e ela própria.

Ela preferiu corrigir os erros antes das colegas. É uma característica da aluna, a perfeição, tudo certinho.

Quando releu, ela juntou "sobrevivermos".

As colegas, após discussão com ela, acharam melhor trocar de linha a explicação "portanto ...".

Foi reestruturada a frase da quinta linha, após várias sugestões das colegas.

Novamente a questão "parágrafo" surge na 7a. linha e na 9a. linha. Isto se deve ao estudo que estamos fazendo neste trimestre, pois tenho cobrado isto nas produções das alunas.

A aluna achou melhor não repetir "principalmente" na última frase, por ficar melhor escrito, mais bonito.

O texto ficou assim:

A natureza

A natureza é divina e sublime, é vida da nossa vida. Sem ela seria impossível sobrevivermos.

Portanto todo homem deveria ser conscientizado para que não a destrua.

Principalmente, devemos cuidar a beira dos rios, lagoas e córregos para não aumentar a poluição.

Bem, prestem atenção nesta gravura: é um verdadeiro colírio para os olhos.

Ali um lugar calmo, tranqüilo e sem poluição.

A nossa serra é o melhor veraneio, para nossa saúde física e mental.

Resumo do texto "Produtos Básicos aumentam 7,26%" (Zero Hora)

O assalariado não tem vez no Brasil:

A inflação está tirando o pão de cada dia do pobre.

Feijão e arroz estão virando comida de rico

Está cada vez mais difícil para o assalariado comprar sua cesta básica.

No Brasil quem pode mais chora menos.

aumentos faz o pobre chorar de fome.

O presidente Collor tava certo quando disse que iria acabar com a pobreza no Brasil.

Realmente ele acabou Metade dos pobres do Brasil morreram de fome.

O presidente Collor prometeu em ajudar os descamisados. Mas pelo que estou vendo o descamisado Acabou sem calças.

Aluno: Jerônimo Forte Lopes
Professor: Cláudia Saldanha Mancio
Escola M. Gabriel Obino

Reflexões sobre o texto

Foi colocado aos alunos que um texto da turma tinha sido escolhido para sair no livro Palavra de Trabalhador 2 do SEJA.

A turma ficou entusiasmada para saber de quem era o texto; então, primeiramente, foi colocado no quadro para que todos conhecessem o texto e o autor.

Depois de lido o texto, questionei a turma para saber se eles haviam gostado e o grupo disse que sim.

Surgiram alguns questionamentos em relação ao texto: "de que não é só assalariado que passa fome", mas também "aquele que não tem emprego fixo, que só faz bico".

Foi colocado pelo grupo a seguinte reflexão: "não foi só com a metade dos pobres que o presidente Collor acabou e sim com a vida do pobre no Brasil".

A turma achou que o texto deveria ter um título, pois era mais que um resumo da reportagem e sim a interpretação que o Jerônimo fezera do texto. Deram como sugestão para o título: "A realidade do assalariado".

O grupo colocou que para ficar completa e correta, deveria ter um ponto e uma vírgula na seguinte frase: "No Brasil quem pode mais chora menos - aumentos fazem o pobre chorar de fome".

Na última frase, os alunos notaram que deveria ter uma vírgula depois da palavra "descamisados", pois assim a frase ficaria com o sentido completo.

As últimas palavras "Acabou sem calças" deveria ser com letras minúsculas, pois não eram nomes próprios e nem estavam iniciando a frase.

Ao lerem o texto novamente, notaram que a palavra "tava" não estava escrita como nos livros; até comentaram dizendo que muitos falam "tava" porque estão acostumados, mas acharam que deveria colocar "estava", para que a frase fosse escrita corretamente.

Como o autor do texto encontrava-se doente, a aluna Adriana prontificou-se a reescrevê-lo.

O texto ficou assim:

O assalariado não tem vez no Brasil.

A inflação está tirando o pão de cada dia do pobre.

Feijão e arroz estão virando comida de rico.

Está cada vez mais difícil para o assalariado comprar sua cesta básica.

No Brasil, quem pode mais chora menos, aumentos fazem o pobre chorar de fome.

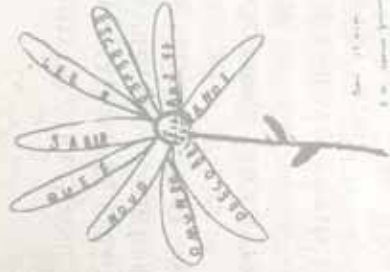
O Presidente Collor estava certo quando disse que iria acabar com a pobreza do Brasil.

Realmente ele acabou, metade dos pobres do Brasil morreram de fome.

O Presidente Collor prometeu em ajudar os descamisados mas estou vendo que o descamisado acabou sem calças.

“COMO SE PODE SER ROMÂNTICO?”

José Antunes da Rocha



MINHA CASA

A minha casa
É a mais bela
Tem duas portas
e quatro janelas

E o meu rádio
Que é a pilha
Só pega uma emissora
Que é a Farroupilha

Só tem um problema
Não é como a sua
Pois quando chove
Eu saio pra rua

Quem quiser me visitar
Seja amigos ou vizinhos
Até mesmo a Professora
Terá que levar um banquinho

O meu fogão
É uma beleza
Por não ter pernas
fica sobre a mesa

Com todos os defeitos
Que a minha casa tem,
Não vendo e não troco
E não alugo também.

Aluna: Terezinha P. de Oliveira
Professora: Loderir Becker
Escola: UFRGS

ROMANTISMO

Vou falar um pouco sobre romantismo

Coiza que e muito pouco existe uma que não tendo dinheiro suficiente para atender as necessidade da familia eu pergunto como é que pode ser romantico tomara a deus ter cabeça para procurar como é vou conseguir o ser romantico a sin não dá para ser feliz e nen romantico.

Aluno: José Antunes da Rocha
Professor: Ieda Baron
Escola: Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto

Valdeli - Nós tava comentando eu e o Antunes que a palavra existe está errada.

Libera - Falta o "s"

Dulce - Falta o "m" no fim

Libera - isto mesmo!

Professora: Sobre o que ele está falando? De uma ou de várias coisas?

Todos - Do romantismo. De uma coisa.

Líbera - Então é sem "m".

Professora - É com "x" ou com "z"?

Carlos - "X" com som de "z".

Expliquei que o "X" pode ter vários sons. Aproveitei e mostrei um cartaz que estava na sala de aula, feito por outra turma, mostrando os vários sons do "x".

Concílio - A palavra "suficiente" está errada.

Professora - Escreva, então, a forma correta no quadro.

Como Concílio não quis ir ao quadro, o aluno Valdeci se ofereceu, assumindo por livre vontade a correção até o final.

Valdéli escreveu - suficiente.

Dulce - Tem que tirar o "i".

Valdéli escreveu embaixo da outra "suficiente" e logo comentou: Está errado!

Professora - O que acham?

Líbera - A segunda está certa.

Professora - Como é que fica?

As opiniões se dividiram. Neste momento, chegou, do intervalo, o aluno José Berenice e perguntei a opinião dele.

José B. - Tá certa a de cima.

Tentei que os alunos repetissem várias vezes as palavras para identificarem a correta, mas as opiniões não mudaram.

Professora - A de cima está correta.

Valdéli - Família.

Valdemar - Tira o "h".

Professora - O que acham?

Concílio - Correto, mas e o acento?

Todos - No primeiro "i".

Valdéli - Tomara não deveria ter tomará?

Concílio - Não, aí fica tomará.

Valdéli - Consegir (apontou com o dedo).

Professora - O que tu estás querendo dizer?

Valdéli - Falta o "u" no meio do "g" e do "i".

Chamei atenção no quadro para os sons "gj" e "gui".

Dulce - Não precisa do "é".

Li das duas maneiras, com "e" sem "e".

É vou conseguir ...

Todos - Sem "é".

Valdéli - "Tendo" teria que ser "tenho".

J. Antunes - Não estou falando só para mim, mas para os outros. (Todos concordaram).

Professora: Observem na 2a. linha, tem uma palavra que, apesar de ter um som, é escrita com outra letra.

Maria Lurdes - "Coiza"? é com s.

(Chamei a atenção para utras palavras como rosa, mesa ...)

Professora - E a palavra "a cin"? O que acham?

Valdeci - Pode ser junto?

Concílio - Com dois "ss".

Professora - Com que letra no fim?

Concílio, Eva e Maria Lurdes - com "m".

Carlos - falta pontos.

Li o texto até uma parte, parando por não ter mais ar.

Carlos - ponto no fim.

Concílio, Antunes e Carlos - Ponto no "romantismo".

Carlos - Letra maiúscula na palavra "coisa".

Dulce - vírgula depois de "existe".

Concílio - Falta um "s" no final de "necessidade".

Carlos - Vai um ponto na "família". Começa com letra maiúscula "eu".

Carlos e Valdéli: Um ponto de interrogação na palavra "romantismo".

Carlos - "Tomara" com letra maiúscula.

Carlos - Ponto final no "pensar".

Professora: Quem pensa, pensa alguma coisa, a frase está incompleta.

Carlos - Ponto de interrogação no "romântico".

Professora - "A ser romântico ...".

Todos - Sem o "a" fica melhor.

Valdéli - "A" miúsculo na palavra "assim".

Professora - Na última frase tem duas palavras para serem corrigidas.

Líbera - "Feliz" é com "s"?

Concílio - É com "Z".

Valdéli e J. Antunes - "Sem" é com "m".

Professora - E agora falta um acento.

Valdéli - Acento no "a" (dá).

Após a correção fizemos uma leitura oral, observando a pontuação.

Fiz uma avaliação oral e todos gostaram muito do trabalho, principalmente o autor do texto. Combinamos de fazer mais vezes este tipo de correção.

O texto ficou assim:

Romantismo

Vou falar um pouco sobre romantismo. Coisa que é muito pouco existe, uma que não tenho dinheiro suficiente para atender as necessidades da família. Eu pergunto como é que pode ser romântico?

Tomara a Deus ter cabeça para pensar. Como conseguir ser romântico?

Assim não dá para ser feliz e nem romântico.

PAIXÃO FANTASMA

hoje fechei meus olhos, e parecia verdade eu vi você fumando aquele cigarros que você gosta.

E jogou a fumaça em meu rosto de um jeito abuziuvo e ceduto.

Parecia loucura fumaça com censação de pauchão fevor e temura.

Em ceguida você me abraçou e a fumaça ja avia dezaparecido do meu rosto e vi ceu corpo nu.

E centi o gosto de ceus labios nos meus.

Rolamos nuves da nosa paixão.

A lua ce formou um coração e tudo então.

Por alguns cegundos tentei me resguardar mais a paichão foi maior.

Mesmo que você tenha me traído, e meu coração partido.

Você ainda esta la dentro, dentro do meu coração partido.

Acordei e centi o cheiro do cigarro no ar.

Me deu a impressão que você estava fazendo as mesmas coisas que fazia, tapada pelo lençol olhando o teto pensando como foi linda a nosa noite.

Orhei para meu lado e só vi um cigarro no fim aceso e manchado de baton.

A cinza de forma reta mosirava que ele avia cido ali acima como eu fui esquecido por você.

O chuveiro que que pingava, mosirava que algem avia tomado banho as presas.

Afinal você foi como fumaça em meu coração. sufocou de tanta paichão e foi em bora.

Deichando o cheiro nas paredes.

Aluno: Moises da Silva Souza

Professor: Liége Riccardi

Escola: E. M. Victor Issler

Reflexões sobre o texto:

Iniciamos a aula de maneira informal, como de costume, conversando sobre assuntos variados enquanto aguardávamos a chegada dos alunos que habitualmente chegam um pouquinho mais tarde, em função do horário de trabalho. Disse então à turma, que tinha uma surpresa agradável para contar-lhes, e falei que o texto do Moisés havia sido um dos escolhidos para fazer parte do livro Palavra de Trabalhador 2. Todos ficaram muito contentes.

Expliquei que faríamos um trabalho sobre o texto, preparando-o para ser editado. Perguntei se alguém sabia como são preparados os livros; se alguém já havia visitado alguma gráfica ou editora. Disseram que não. Lembrei que o Adair, certa vez, havia trazido revistas para distribuir ao grupo, dizendo ter conseguido na gráfica onde trabalha, e perguntei: - Adair, tu não trabalhas em uma gráfica? Poderias nos contar como fazem os livros, as revistas ...

Ele então nos falou que apenas conserta máquinas, mas que já viu como são montadas as matrizes.

Deixaram bem claro, pois, em palavras e atos, que este é um trabalho a ser continuado.

O texto ficou assim:

Paixão Fantasma

Hoje fechei meus olhos, e parecia verdade; eu vi você fumando fumando aquele cigarro que você gosta. E jogou a fumaça em meu rosto de um jeito abusivo e sedutor.

Parecia loucura, fumaça com sensação de paixão, fervor e ternura.

Em seguida você me abraçou e a fumaça já havia desaparecido do meu rosto. Vi seu corpo nu, e senti o gosto de seus lábios nos meus. Rolamos nas nuvens da nossa paixão ...

A lua se formou um coração e tudo então.

Por alguns segundos tentei me resguardar, mas a paixão foi maior.

Mesmo que você tenha me traído, e meu coração partido, você ainda está lá dentro; dentro do meu coração partido. Acordei e senti o cheiro de cigarro no ar.

Me deu a impressão que você estava fazendo as mesmas coisas que fazia; tapada com lençol, olhando o teto, pensando do como foi linda a nossa noite.

Olhei para meu lado e só vi um cigarro no fim, aceso e manchado de batom.

A cinza, de forma reita, mostrava que ele havia sido, assim como eu, esquecido por você.

O chuveiro que pingava, mostrava que alguém havia tomado o banho às pressas.

Afinal você foi como fumaça em meu coração.

Sufocou de tanta paixão e foi embora, deixando o cheiro nas paredes.

Paixão Fantasma

Hoje fechei meus olhos, e parecia verdade; eu vi você fumando aquele cigarro que você gosta. E jogou a fumaça em meu rosto de um jeito abusivo e sedutor.

Parecia loucura, fumaça com sensação de paixão, fervor e ternura.

Em seguida você me abraçou e a fumaça já havia desaparecido do meu rosto. Vi seu corpo nu, e senti o gosto de seus lábios nos meus. Rolamos nas nuvens da nossa paixão.

A lua se formou um coração e tudo então.

Por alguns segundos tentei me resguardar, mas a paixão foi maior.

Mesmo que você tenha me traído, e meu coração partido, você ainda está lá dentro; dentro do meu coração partido.

Acordei e senti o cheiro de cigarro no ar.

Me deu a impressão que você estava fazendo as mesmas coisas que fazia; tapada pelo lençol, olhando o teto, pensando do como foi linda a nossa noite.

Olhei para meu lado e só vi um cigarro no fim, aceso e manchado de batom.

A cinza, de forma reita, mostrava que ele havia sido, assim como eu, esquecido por você.

O chuveiro que pingava, mostrava que alguém havia tomado o banho às pressas.

Afinal você foi como fumaça em meu coração.

Sufocou de tanta paixão e foi embora, deixando o cheiro nas paredes.

Autor: Moisés Da Silva Leiga, 22 anos, E.M. Uctea

José, 1984

Prof.ª Rosa Silveira

TÍTULO É SOBRE A CHUVA

Nos tempos de chuva, eu me lembro de muitas coisas.

Mas o que me preocupa mesmo, são as crianças desabrigadas e as velhinhas sozinhas.

Mas quando está chovendo, tem muitas pessoas que vão para o trabalho sem guarda-chuva, correndo o risco de pegar uma gripe muito forte ou uma pontada de pneumonia.

Às vezes, tem também as enchentes que quando invadem as casas fazem muitos estragos: carregam os móveis, matam mulheres e crianças.

Quando dá temporal com chuva e vento há derrubada de muitas casas e árvores ...

Mas eu me lembro muito também, que nos meses de julho e agosto que são os meses mais frios e chove mais, das pessoas que não têm um teto para morar.

Aluno: Mário Rogério da Rosa Oliveira
Escola Mun. Victor Issler
Prof. Rosângela Brick

TEXTO FEITO A PARTIR DO VÍDEO SOBRE A ERA GLACIAL

*Os gelos são acumulados por neves
As montanhas de gelos são falsas e
perigosas porque elas são ocas por baixo. Com o
calos se desmanxam os bocos dos gelos desmorona
nas cidades e faz muitas vítimas porque a cidade fica
debaixo os becoss de gelos.*

Aluno: Ivonne Piloti Martins, 60 anos
Professora: Cristina Amorim
Escola: Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

Reflexões sobre o texto:

Eu escrevi o texto da Ivonne no quadro.

Todos os alunos copiaram. Depois, enquanto os últimos terminavam, propus aos que haviam acabado, que lessem o texto e assinalassem em seus cadernos o que pensavam estar trocado, faltando, sobrando, etc.

Realizamos a leitura coletiva do início ao fim.

Reiniciamos a leitura, frase por frase, e propus que ao ler, cada um observasse atentamente a clareza das idéias e a escrita das palavras. Começou a reflexão ...

Reflexões coletivas:

1) Na primeira frase, perguntei: falta alguma coisa?

a- "O ponto"

p- Vocês entenderam o que diz a frase?

a- Sim

p- Explica para nós, com tuas palavras o que a Ivonne quis dizer com esta frase.

a- Os gelos se formam com as neves que caem.

2) Ao ler "porbaixo", indaguei: - É assim que se escreve?"

a- É com "ch"?

a- Não ... ah, sim, então é com x.

p- Por baixo é junto ou separado? Vamos comparar: por dentro, por cima, (escrevi no quadro).

a- Então também é separado.

a- Mas o "porque" tá junto!

p- Ótima observação. O porque existe de vários jeitos na nossa língua. Separado, junto, com acento, sem acento. Quando fazemos uma pergunta é separado. Quando respondemos, explicamos, é junto, como no caso do porquê do texto da Ivonne.

3) Na leitura: "desmoronam".

a- Falta o "o".

p- Que interessante, vocês nem conseguiram ler como